

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LUCILA LIMA DA SILVA

**COMPOSIÇÕES POSSÍVEIS:**  
**travessias no pluriverso dos encontros com a surdez**

Niterói – RJ

Julho/2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LUCILA LIMA DA SILVA

**COMPOSIÇÕES POSSÍVEIS:**  
**travessias no pluriverso dos encontros com a surdez**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Estudos da Subjetividade  
Linha de Pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão Social

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcia Oliveira Moraes

Niterói – RJ

Julho/2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

S586c Silva, Lucila Lima da  
Composições possíveis: travessias no pluriverso dos  
encontros com a surdez / Lucila Lima da Silva ; Marcia  
Oliveira Moraes, orientadora. Niterói, 2018.  
85 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2018.m.11657606732>

1. Surdez. 2. Psicologia Social . 3. Epistemologia  
Feminista. 4. Narrativas. 5. Produção intelectual. I.  
Título II. Moraes, Marcia Oliveira, orientadora. III.  
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia.

CDD -

Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Insfrán - CRB7/2318

LUCILA LIMA DA SILVA

## **COMPOSIÇÕES POSSÍVEIS:**

### **travessias no pluriverso dos encontros com a surdez**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Estudos da Subjetividade  
Linha de Pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão Social

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia Oliveira Moraes

Niterói, 13 de julho de 2018.

#### BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Oliveira Moraes  
(Orientadora)  
Universidade Federal Fluminense – UFF

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Katia Faria de Aguiar  
Universidade Federal Fluminense – UFF

---

Dr.<sup>a</sup> Angela Maria Carneiro Silva  
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Entre\_Redes – CNPq

## AGRADECIMENTOS

Por algum motivo, eu não escrevi agradecimentos nos meus últimos trabalhos de conclusão de cursos. Mas sou grata, como sou grata!, a tanta gente que cruzou o meu caminho, e me marcou, e me acompanhou, e me ajudou a chegar até aqui. Porque a gente nunca faz nada sozinho. E que bom! Por isso, peço desculpas ao leitor, mas estes agradecimentos serão um pouquinho mais longo que o habitual. Escolhi escrevê-los na ordem cronológica de acontecimentos e entrada dessas pessoas na minha vida.

Agradeço à minha mãe, Simone, e ao meu pai, Alfredo, que com eles trazem a família Lima e a família Glins. Agradeço à toda família, especialmente meus avós, vó Lurdinha e vô Lourenço, vó Ivone e vô Alfredo. São minha origem, minha base, meu chão.

À minha família nuclear – Simone e Alfredo, meu irmão William e minha irmã Ariane (irmãos metralha), pela parceria. São meu porto seguro, meu aconchego e minha maior torcida. Obrigada por acreditarem em mim e comigo. Amo vocês. À minha mãe, pelas perguntas, por me ensinar a ter uma visão crítica do mundo. Ao meu pai, pelas provocações, implicâncias, risadas. Ao meu irmão, pelo incentivo e carinho, e por formar comigo a “dupla comunista” nas discussões em família. À minha irmã, pela companhia, confidências, colo e sobrelha.

À minha comadre, Dayane, por me dar a honra de acompanhá-la e por acompanhar-me, me ensinando tanto sobre a vida. Somos nós, eternas companheiras das estradas imortais. Obrigada, também, pela afilhada linda que você me deu, a Nicole, meu amorzinho.

Ao grupo TEAR – Teatro Espírita Amor e Arte. Cavalcanti, Caio, Claudinho, Cícero, Cris, Dani, Expedita, Helô, Irene, Katya, Maria, Mauro, Paty, Ronaldo, e tantos companheiros que já passaram por esse grupo – e que permanecem em nossos corações. Estamos juntos desde que eu tenho 18 anos. Há 14 anos compartilhamos sonhos e conquistas. Estiveram ao meu lado nos momentos mais felizes e também nos mais tristes da minha vida, nesses anos. Grandes e amados companheiros! Obrigada.

Às Psicatdolls, amigas lindas que me acompanham desde a graduação em Psicologia. Carol, Dejany, Dessa, Márcia, Mônica, Nanda, Nay, Nathy, Roberta. Obrigada por permanecerem por muito mais que 5 anos, *since 2006*.

À Tainá, minha companheira de vida, a quem não posso me referir de outra forma, se não família. Que possamos continuar firmando parcerias, por onde a vida nos levar. Grata!

À família que Tainá me emprestou: Rose, Maíra e Pedro, meu sobrinho preferido! (“Mas eu sou seu único sobrinho, tia!”). Amo ser a tia Lu e amo vocês!

Às minhas orientadoras de TCCs passados, Christina (Tininha) Bastos e Tati Ramminger (presente!). Que possam saber que os caminhos que trilhamos juntas continuam em mim.

À Talita e Amanda, amigas, *rommies*, abrigo. De longe ou de perto, sei que estamos sempre no coração uma das outras.

Ao grupo Mãos Iluminadas. Ana Mary, Bruno, Deivid, Esmeralda, Jane, Patrícia, Ronise, Silvana, Simone, Valéria, Verônica. Com quem aprendi muito sobre a relação do surdo sinalizante com o ouvinte e com o mundo espírita.

À equipe atual da DISOP e aos “amigos da DISOP”. Arhtur, Bruna, Daiane, Edna Eduarda, Jessica, Juliana B., Juliana C., Leandro, Rosaria. Com vocês, aprendo a cada dia como fazer um trabalho melhor. Equipe parceira de verdade, que constrói junto, se alegra, se entristece, sente raiva junto. Que busca junto estratégia para estar no cotidiano. Obrigada!

Às “Ruças”, Bruna e Daiane, pelas muitas risadas, confidências, apoio, companhia e surubinhas gastronômica.

À Bruna, mulher inteligente e adorável, por ter lido e relido e discutido e rediscutido esse trabalho comigo por tantas vezes que nem conseguiria contar. Por ser aquela amiga sempre disponível de alguma maneira, mesmo tendo 2 empregos e fazendo mestrado. Pelas viagens aventureiras que empreitamos juntas, e pelas tantas outras que virão.

À Angela Carneiro, querida, parceiraça, doce, suave e precisa. Que me acolheu e me ensinou tanto em sua passagem pelo INES, deixou marcas na minha atuação como psicóloga, e da qual ainda desfruto a companhia no grupo PesquisarCOM. E que me deu a honra de participar da banca do Mestrado.

À maravilhanda Marcia Moraes, MM, titxer. Uma mulher intensa, extremamente inteligente e sábia, acolhedora, doce, que consegue enxergar em cada um suas potencialidades, que nos incentiva a ultrapassar nossas dificuldades (e mais: vai juntinho da gente). Não sei como ela dá conta de estudar tanta coisa diversificada com seus orientandos e

com seus alunos. Ela se encanta com descobertas, e nos transmite esse encanto. Que felicidade ter dividido esse percurso com ela, minha orientadora e minha parceira de pesquisa.

Às parceiras que formam comigo o trio de estudo mais legal desse país: Carol e Tainá. O que seria de mim nesse mestrado sem vocês? O que seria de nós nesse mestrado sem nós?

Ao grupo Potência do Apocalipse Now. Carol, Elton, Iuri, Lívia, Lázaro, Vivian. Pelos sambas, indicações de textos, indicações de filmes e orientações no bar. Vocês são demais! Saudades. E gratidão.

À turma de Mestrado e de Doutorado que entrou em 2016, pelos afetos, aprendizados e intensidades trocadas nestes dois últimos anos.

Ao grupo PesquisarCOM, aninhados por Marcia Moraes. À cada um que compõe esse grupo, e especialmente àquelas e àqueles com quem aprendi e me encontrei (quase) semanalmente nesses últimos anos: Ana, Angela, Cida, Eleonora, Elis, Ellen, Etiane, Juliana, Lia, Luciana, Luiza, Maíra, Maria, Maudeth, Stallone, Thiago. Cada um à sua maneira me marcou e segue comigo. Grata por ter construído esse percurso com vocês.

À Lia e Maudeth, fofas, que me deram a mão em inúmeros momentos deste percurso de mestrado.

Ao Thiago, presente inesperado de 2017, que dispersou várias *bad vibes* comigo, e juntos construímos primavera.

À professora Katia Aguiar, pela leitura e apontamentos tão relevantes para o texto. Obrigada por compor a banca e participar conosco dessa caminhada.

Agradeço imensamente às pessoas surdas e ouvintes que estiveram conosco no momento da qualificação. À banca, Katia e Angela. E às pessoas que estiveram presencialmente no momento da qualificação e contribuíram cada um a seu modo com a discussão: Felipe, Guilherme, Ronaldo, Aline, Eduarda, Bruna, Simone. Agradeço também a contribuição com a leitura e comentários do texto, ainda que não estivessem presentes no momento da qualificação: Rosaria, Arthur, Patrícia, Maria Carmem.

À Carmem, Erika, Linda e Renata, juntas seguimos matando nossos dragões e aprendendo a cuidar de nossas crianças. Sem palavras para o quanto sou grata a vocês e o quanto são importantes na minha vida!

À Fernanda, por cuidar de mim com suas agulhas mágicas e por me convidar a relaxar e me acompanhar em momentos de gordices, seriados e natureza.

À Áurea, pelas conversas de todos os tipos.

À *Reagon crew*, Allan, Ana e Elis. *Sisters* e *brother* juntas pela tradução! E muito mais.

À Luciana, atual *rommie*, por me proporcionar casa limpa junto com a Marcita, e por manter a geladeira abastecida, principalmente nos picos de estudos em que seria impossível enfrentar mercado e essas atividades chatas e necessárias da vida adulta. Sou muito grata e feliz por ter encontrado essa amizade, para dividir rotina, angústias e alegrias do cotidiano. E que, junto com o Kik e o Slow, felinos do meu coração, deixa a casa bem mais aconchegante.

Ao Luan, pela leitura delicada deste trabalho, e que na reta final do Mestrado abriu seu apê e fez dele minipolo de estudos da pós da UFF, e fez vezes daquela tiazona que acolhe, alimenta, dá dicas de texto e segue junto.

Ao Instituto Nacional de Educação de Surdos, e seus funcionários, por ter autorizado minha pesquisa na instituição.

Ao Colégio de Aplicação do INES e toda sua comunidade escolar, pela intensidade de aprendizados que construímos juntos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pela bolsa de estudos ao longo dos dois anos de Mestrado.

SILVA, Lucila Lima da. *Composições possíveis: travessias no pluriverso dos encontros com a surdez*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Marcia Moraes. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2018.

## **RESUMO**

Que possíveis no encontro com a surdez? Como compor um mundo comum entre surdos e ouvintes? Esse trabalho apresenta percursos da autora-pesquisadora no encontro com surdos e com o campo da surdez a partir da sua inserção nesse campo como psicóloga e trabalhadora ouvinte. Utilizando como base a epistemologia feminista, pensamos modos de pesquisar, escrever e produzir conhecimento. Com Chimamanda Adichie e Josselem Conti, apostamos nas histórias únicas para fazer aparecer singularidades, e assim tecemos considerações sobre os discursos que perpassam o campo, a produção de estranhamentos a esses discursos e o deslocamento operado no próprio corpo da pesquisadora-trabalhadora no processo de pesquisar. A pesquisa surge no incômodo da ideia de dois mundos – surdo e ouvinte – segregados, e transcorre na direção de pensar possibilidades de composição nos encontros com a surdez. Para isso, utilizamos conceitos como comum, composição e pluriverso, junto com autores como Bruno Latour e Donna Haraway. Entendemos que o mundo comum não existe *a priori*, é uma construção constante. É preciso fazê-lo com as diferenças, sem apagar em nós nossas marcas e nossas singularidades. O objetivo não é buscar uma igualdade entre surdos e ouvintes, mas afirmar na diferença a possibilidade de composição. A tradução aparece na construção das histórias e se faz pista para pensar posicionamentos no encontro com a diferença. Para isso, seguimos com Vinciane Despret, que pensa a tradução como versões, equivocações, e refletimos a possibilidade da tradução como travessias, para construir relações com a surdez e com a diferença.

**Palavras-chave:** psicologia; surdez; epistemologia feminista; histórias únicas.

## ABSTRACT

What possible in the encounter with deafness? How to compose a common world between deaf and hearing people? This work presents the author's researcher's path in the encounter with the deaf and with the field of deafness from her insertion in this field as a psychologist and a hearing worker. Using feminist epistemology as a basis, we think of ways of researching, writing, and producing knowledge. With Chimamanda Adichie and Josselem Conti, we bet on the unique histories to make appear singularities, and thus we weave considerations about the speeches that pass through the field, the production of estrangements to these discourses and the displacement operated in the body of the researcher-worker in the process of research. The research appears in the nuisance of the idea of two worlds – deaf and hearing – segregated, and runs in the direction of thinking possibilities of composition in the encounters with the deafness. For this, we use concepts like common, composition and pluriverse, along with authors like Bruno Latour and Donna Haraway. We understand that the common world does not exist *a priori*, it is a constant construction. We must do it with differences, without erasing our marks and our singularities. The goal is not to seek equality between deaf and hearing, but to affirm in difference the possibility of composition. The translation appears in the construction of the stories and it makes a clue to think of positions in the encounter with the difference. For this, we follow with Vinciane Despret, who thinks the translation as versions, misunderstandings, and we reflect the possibility of the translation like crossings, to build relations with the deafness and with the difference.

**Keywords:** psychology; deafness; feminist epistemology; unique stories.

## **RESUMO EM LIBRAS**

Vídeo no YouTube: <https://youtu.be/VrWl1DYjJGY>

## **LISTA DE IMAGENS**

**Imagem 1:** Recibo de compras em cima do cartão de débito, com o valor 16,16

**Imagem 2:** Meu sinal – óculos-sorriso

**Imagem 3:** Datilologia de LUCILA

**Imagem 4:** Sinal de mostrar

**Imagem 5:** Sinal de explicar

**Imagem 6:** Sinal de mentira

**Imagem 7:** Sinal de mentiroso

**Imagem 8:** Sinais de “bandido”, “folgado” e “moleza”

**Imagem 9:** sinal de bandido com a expressão facial neutra

**Imagem 10:** sinal que eu interpretei, no contexto, como carioca

**Imagem 11:** sinal em Libras – namorar / gesto em português – namorar

**Imagem 12:** sinal em Libras – casar / gesto em português – casar

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AASI – Aparelho de Amplificação Sonora Individual

IC – Implante Coclear

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

Libras – Língua Brasileira de Sinais

MEC – Ministério da Educação

TILSP – Tradutor-intérprete de língua de sinais e português

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

PRÓLOGO .....	16
INTRODUÇÃO.....	17
POLÍTICA DE PESQUISA E POLÍTICA DE ESCRITA.....	22
Como nos posicionamos nos encontros com o campo.....	23
O lugar de ouvinte.....	26
As únicas histórias e as histórias únicas .....	26
Processo de pesquisa.....	29
Tradução .....	33
Acessibilidades para o texto.....	35
DESENHANDO O CAMPO.....	37
Entrada no INES .....	38
Cenas da infância .....	40
Encontros com a surdez na rua .....	41
Configuração do campo de pesquisa.....	43
Dolores.....	44
Rodrigo .....	48
Francisco .....	53
COMPOSIÇÕES.....	56
A instituição em mim – borrando trabalhadora e pesquisadora.....	57
Caetano .....	60

Festa sencity e a experiência da multissensorialidade .....	64
Maurício.....	66
Pluriverso .....	68
Gilberto .....	69
Tradução .....	72
Travessias.....	78
CONCLUSÃO.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	84

## PRÓLOGO

Comunicação é, também, persistência! Estava eu pagando o almoço, quando o atendente diz o valor em voz alta: "R\$ 16,16". *Cabalístico!*, respondo. Do outro lado, uma cara de interrogação. *16,16!*, insisto, como se fosse óbvio. A cara de interrogação permanece lá, me encarando. *Vou jogar no bicho!*, arremato. A cara se transforma num gigante sorriso: "*É jooooogo!*"



**Imagem 1:** Recibo de compras em cima do cartão de débito, com o valor 16,16

Postagem de página pessoal no Facebook, 02/06/2017.

## **INTRODUÇÃO**

### **Travessia**

Sustentar o abandono do lugar de origem com suas certezas e confortos  
e se lançar nos fluxos do mar.

### **Resumo em Português deste capítulo**

Na introdução apresentaremos a dissertação: conto a história de como recebi meu sinal e mostro como a pesquisa acontece assim como o sinal – no encontro com a diferença. Aponto o campo de pesquisa, que começou no INES, mas o extrapolou, passando a ser os diversos espaços de encontro com a surdez. Aponto as questões de pesquisa, que são: O que acontece quando se tem a ideia de dois mundos – um mundo surdo e um ouvinte? Como compor um comum com surdos e ouvintes? Como habitar o pluriverso da surdez?

### **Resumo em Libras deste capítulo**

<https://youtu.be/Z85JEJ3JHZg>

A quem chega, meu nome é Lucila. Esse é meu sinal:



**Imagem 2:** Meu sinal – óculos-sorriso

**Vídeo do sinal, com movimento:** <https://youtu.be/GRCVUL6Q45M>

Mas o que é um sinal? É um signo que me representa, em Libras. É a maneira como as pessoas se referem a mim, em Libras. É meu nome em Libras.

Acontece que nas línguas de sinais existe um sistema de representação das letras do alfabeto chamado datilologia, que é quando com as mãos fazemos o sinal de cada letra para formar uma palavra. É importante saber que as línguas de sinais apresentam toda estrutura de

língua (incluindo gramática, sintaxe e fonética próprias) sendo muito mais amplas e complexas do que a datilologia – mais usada nos casos de palavras que não têm correspondente em sinais e para nomes próprios. Mas se a cada vez que a pessoa fosse falar de mim, usasse a datilologia do meu nome, olha que trabalho:



**Imagem 3:** Datilologia de LUCILA

**Vídeo da datilologia:** <https://youtu.be/cfCgDBq2V2M>

E isso porque meu nome só tem 6 letrinhas! Imagina aqueles nomes gigantes, ou quando precisa diferenciar duas pessoas homônimas colocando seus sobrenomes?!

Mais que isso, se um sinal é um signo, um sinal de batismo é sua marca. Normalmente, mas não exclusivamente, está ligado a uma característica física ou fisionômica que te identifique visualmente. O sinal de batismo indica também que de alguma maneira você já se encontrou com esse universo da surdez.

Eu ganhei meu sinal de um grupo de adolescentes e jovens surdos.

*Certa noite de trabalho um colega da equipe me levou ao grupo de adolescentes que compunham o grêmio estudantil. Eu pedia um sinal. Eu queria uma identificação! Algo que me dissesse que eu também poderia participar daquele mundo, que eu também teria um “nome”. E estava tão nervosa, e empolgada, frente àqueles adolescentes surdos que não consegui parar de sorrir. Um sorriso bem largo. Daí meu sinal (óculos-sorriso). Posteriormente alguns surdos questionaram: “te deram dois sinais juntos?! Muito longo, melhor só um!” Mas eu nunca deixei de curtir demais meu sinal.*

É assim que se ganha um sinal: no encontro com uma pessoa surda. Às vezes é no primeiro encontro, às vezes demora um pouquinho mais. Às vezes é espontâneo, às vezes você tem que pedir ou avisar que ainda não tem um sinal, para que possa ser batizada. Interessante observar que esse batismo, esse sinal, acontece no encontro. Esse encontro é formado por uma quantidade indefinida de vetores sócio-históricos, políticos, afetivos, etc.

Isso implica que em uma situação diferente, em que outras pessoas estivessem envolvidas, ou em um tempo histórico que fosse outro, o sinal poderia ter sido completamente diferente. E você também.

Poderia ser qualquer lugar, mas era este. Sou psicóloga no Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)<sup>1</sup> desde maio de 2013. A partir de minha chegada ali como trabalhadora, entrei em contato com a comunidade surda, com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e com os conceitos de cultura e identidade surdas.

Nesse espaço, com seus diversos entraves, vejo-me imersa em um campo tenso e delicado: o campo relacional entre surdos e ouvintes. O cotidiano de trabalho por vezes torna-se naturalizado e tão corrido que atropela momentos de pausa e reflexão, e seguimos reproduzindo saberes e fazeres institucionalizados, muitas vezes caindo no lugar de queixa ou paralisando-se frente a eles, sem abrir possibilidades de deslocamentos operados em nós e/ou por nós.

Nesta relação com a surdez, ainda que eu aprendesse a língua, estudasse a cultura surda, conhecesse a comunidade surda, parecia-me por diversas vezes estar tão distante que era como se eu habitasse outro mundo. E no cotidiano no INES, vejo reiteradamente o discurso da existência de um mundo surdo. Em contraste haveria então um mundo ouvinte? Será ele o que eu habito? Como estar com os surdos se estamos em mundos diferentes? Que comum é possível para surdos e ouvintes?

Aos poucos a minha relação com a surdez extrapolou o INES, e passei a encontrar-me com esse campo nos mais diversos espaços: na rua, nas redes sociais, no centro espírita, na academia, até na casinha de sapê. Assim, o espaço acadêmico passou a compor cenário de interlocução com a surdez, resultando, entre outros afetos, neste texto de dissertação.

Encontrava-me não apenas com pessoas surdas, mas também com as discussões, com múltiplos discursos e posicionamentos, vetores que atravessam e compõem a surdez enquanto campo. A surdez ora pode ser entendida como um significante biomédico associado à falta de audição; ora apreendida com o modelo cultural da surdez, como minoria linguística; ora

---

<sup>1</sup> Esse é um colégio público federal de ensino bilíngue para surdos – preconiza a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita como línguas de instrução. Abrange a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Para mais informações, visite: <http://www.ines.gov.br/colégio-de-aplicacao> Último acesso: 21/06/2018.

articulando-se com o modelo social da deficiência, entendida como encontro de um corpo com lesão e uma sociedade que não está organizada para compor com este corpo. Neste texto, apostamos na polissemia da palavra, que está em disputa, e é à surdez enquanto esse pluriverso (JAMES, apud LATOUR, 2011) que nos remetemos quando usamos a palavra como substantivo.

Sendo assim, não intentamos com este trabalho aprofundarmo-nos no INES enquanto instituição, tampouco nas práticas específicas da psicologia escolar, e por isso não circunscrevemos tais campos – ainda que certamente ambos atravessem a pesquisa. Ao longo deste trabalho buscamos apresentar o cenário da surdez à medida que nos encontramos com ele, na direção de trazer as questões condutoras dessa pesquisa, relativas à percepção de dois mundos (mundo surdo, mundo ouvinte) e às possibilidades de composição de um comum.

# **POLÍTICA DE PESQUISA E POLÍTICA DE ESCRITA**

## *Capítulo 1*

Construindo jangadas e ancoragens, aprendendo a nadar.

### **Resumo em Português deste capítulo**

Como nos posicionamos nos encontros com o campo? Esses encontros nos marcam. A escrita é uma forma de dar força a essas marcas. Como pensamos sobre a escrita nesta dissertação, parte de uma pesquisa? Para que escrever? Neste capítulo discutimos essas questões, e assim apresentamos as apostas, as marcas e os processos dessa pesquisa. Ainda que narrados em primeira pessoa (eu/nós), são pessoais mas não individuais, pois entendemos que o pessoal é político. Pensamos com a epistemologia feminina. Discutimos a importância das narrativas e o perigo de únicas histórias. Escrevemos junto com autoras como Donna Haraway e Chimamanda Adichie, Marcia Moraes, Alexandra Tsallis e Josselem Conti. Mostramos também sobre o atravessamento da tradução nesta escrita e como pensamos a acessibilidade para surdos e cegos nesse texto.

### **Resumo em Libras deste capítulo**

<https://youtu.be/xNNKQT5wxyc>

O que vem na sua cabeça quando você lê a palavra política? Bem sabemos que política não se encerra nas dinâmicas partidárias, tampouco na disputa entre direita e esquerda. Entendemos aqui que pesquisa e escrita também são gestos políticos à medida que constroem realidades e modulam mundo. Neste capítulo chamamos de política de pesquisa o modo como nos posicionamos nos encontros com o campo e política de escrita como um dos modos de dar relevo às marcas produzidas nesses encontros.

### **Como nos posicionamos nos encontros com o campo**

Um encontro, um momento, uma faceta, um acontecimento que (se) produz ali. Efeitos criativos dos encontros. A maneira de encarar a pesquisa é um gesto de atenção ao que se produz. O que se colhe desse campo é a partir do nosso encontro com ele. Nós, pesquisadoras, também estamos implicadas. Também somos produzidas. Não diz só do outro, diz de nós também.

Buscamos nos distanciar de uma prática extrativista que se quer apartada e purificada das intermitências do campo e assim ignora que, no próprio gesto de pesquisar, campo e pesquisador são constantemente produzidos.

Este modo de fazer ciência que pede transcendência e divisão entre sujeito e objeto opera o que Donna Haraway (1995) chama de olhar de sobrevoos. O olhar de sobrevoos que a ciência hegemônica pretende é um olhar distanciado, neutro – mesmo quando usando microscópios, pois todas as lentes são usadas para ampliar esse olhar. Diz que é necessária a distância do objeto de pesquisa para que se consiga enxergá-lo com clareza e neutralidade do pesquisador. Busca produzir experimentos que tenham reprodutibilidade, ou seja: esse experimento, e por consequência o conhecimento por ele produzido, só é válido à medida que tenha suas variáveis (qualquer coisa que possa interferir no processo do experimento, maculando-o) controladas para que possa se ver o objeto isolado, e assim o experimento possa também ser replicado em qualquer lugar do mundo. Conhecimento universal. A visão, para a ciência hegemônica, tudo vê e a todos alcança. Fala de todos os lugares e de lugar nenhum.

O extrativismo é um risco que está posto, bem sabemos disso. A assunção da pesquisa como prática localizada e situada é a nossa aposta ético-política para lidar com o risco em questão. Assim, nesse trabalho nos localizamos, nós e as histórias que surgem nos encontros com o campo.

As histórias que contamos não são inteiras – não são contos de fadas com início, meio, fim. São fragmentos, estilhaços que servem para intervir, cortar histórias e fazeres hegemônicos para que outros possam aparecer. São inconclusas para que mais coisas caibam nelas. Esta não é uma discussão fácil, e nada óbvia, a estamos tecendo juntas no grupo PesquisadorCOM, grupo de pesquisa e orientação coletiva, com coordenação e orientação da professora Marcia Moraes, que inclui alunos da pós-graduação com problemas de pesquisa diversos – feminino, gesto, cegueira, formação em psicologia, surdez, doula, deficiência, trânsito, escrita, para citar alguns. É um ninho, um aconchego, e um espaço potente para trocas, crescimento e construção de conhecimento conjunto.

O que existe de comum entre nós é que “gastamos tempo” com a política de pesquisa. Cada uma de nós entrou para o mestrado ou doutorado movida por questões diferentes, buscamos o PesquisadorCom [MORAES, 2010] como método e o que atravessa todos os nossos trabalhos tem relação com as políticas de pesquisas e a escrita. Tomamos o método como um modo de fazer política. Nossos encontros são ocasiões para pensar modos de estar com outros e exercitar certo modo de compor o mundo em que vivemos e de articular o "nós" que sustenta nossa política de pesquisa (CONTI; SILVEIRA, 2016, p. 57).

Mas o que é entender a pesquisa como prática localizada? E o que é localizar-se? Pensamos esse conceito com a epistemologia feminista.

A perspectiva feminista (DESPRET; STENGERS, 2011; HARAWAY, 1995; ALCOFF, 2016)<sup>2</sup> argumenta que a pesquisa é necessariamente parcial, traz marcas. E existe um manejo a ser feito: podemos estar atentas às marcas e, incluindo-as no pesquisar e na tessitura do texto que publiciza a pesquisa, construir uma pesquisa encarnada e localizada. Para a objetividade feminista, quanto mais localizado mais objetivo.

Aprendemos com a Donna Haraway que a transcendência ambicionada pela ciência hegemônica não se compromete, se esquia de responsabilidade, aqui entendida como *response-ability* (HARAWAY, 2011), a capacidade de responder, de prestar contas, pelo conhecimento produzido; a habilidade de responder deste lugar que se ocupa, e, portanto, ocupar-se disso.

No processo de pesquisa, um modo de sustentar a objetividade feminista e nos tornarmos responsáveis é apresentar as conexões, sempre parciais, que as pesquisadoras e o campo estabelecem, trazendo à tona elementos que nos contem desse processo de criação de conhecimento. Isso é, para nós, localizar-se. Falar a partir (e junto com) desse emaranhado de conexões.

(...) precisamos de uma rede de conexões para a Terra, incluída a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes – e diferenciadas em termos de poder. (HARAWAY, 1995, p. 16).

Na área da surdez, a tarefa de “traduzir conhecimentos” tem sentido literal quando pensamos nas línguas (português e Libras) que permeiam o campo. A “capacidade parcial” para tradução é expressão chave, e nos interessa imensamente pensar na possibilidade da produção dessas redes de conexões, entendendo-as não como totalizantes, mas como provisórias e frágeis, articuladas e potentes.

---

<sup>2</sup>Aproximei-me da perspectiva feminista acerca da produção de conhecimento através, principalmente, da disciplina de pós-graduação ofertada pelas professoras Marcia Moraes e Ana Claudia Monteiro e do grupo PesquisarCOM.

## **O lugar de ouvinte**

Nessa pesquisa, falo do lugar de ouvinte. O que implica ser ouvinte trabalhadora de uma instituição de surdos? O que implica pesquisar com uma população que tem no corpo uma marca evidentemente distinta da minha?

No trabalho e na pesquisa, no meu interesse em estar com os surdos, tenho que operar modulações em mim, ouvinte. Recebi um sinal, aprendi Libras<sup>3</sup>, conheci a ideia de cultura surda, participo da comunidade surda, milito pela inclusão social dos surdos e pela disseminação da língua de sinais. A disponibilidade para o encontro com o outro produz mudanças em nós e há algum nível de mistura, mas não gera um campo de igualdade. Isso não implica nem tem como efeito o apagamento de minhas marcas.

Principalmente quando somos parte da população inserida na norma hegemônica – e por isso mesmo tidos como não-marcados – é relevante reconhecermos nossas marcas, o que possibilita sustentar as diferenças. Reconhecer minhas marcas não é dar caráter determinístico a elas, mas antes com elas e a partir delas tecer outras relações com a vida. Outra vida, portanto.

De modo que, se minhas marcas não se apagam – não deixarei de ser ouvinte, não sou uma quase-surda – ainda assim no reconhecimento delas posso operar deslocamentos em mim, construir um corpo outro, e estar de modo diferente tanto no encontro com surdos quanto no encontro com ouvintes.

## **As únicas histórias e as histórias únicas**

Neste caminhar no campo da surdez, fui encontrando uma história que, repetida incessantemente faz vezes de perigosa “única história” (ADICHIE, 2009) da surdez.

Das práticas de eliminação de surdos como seres imperfeitos, passando pelas práticas de reabilitação do deficiente auditivo, e também a regulamentação da Libras<sup>4</sup> e o reconhecimento do Surdo como sujeito de direitos, com língua e cultura próprias, decerto existem muitas histórias. No entanto, nos espaços onde circulo parece se manter no centro

---

<sup>3</sup> Fiz o Curso de Libras do INES, composto por 5 módulos semestrais (em um total de 2 anos e meio). Após o curso e a partir do contato com surdos, busquei aprofundar-me na língua de sinais.

<sup>4</sup> Lei nº 10.436, de 24/04/2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Regulamentada pelo Decreto nº 5626, de 22/12/2005.

dessa única história da surdez a disputa pela língua, que opera ora como instrumento de dominação, ora enquanto vetor de empoderamento. Pautados na língua, têm-se os métodos e estratégias de educação e socialização dos surdos (oralismo/gestualismo), persistindo

esse percurso de narrativa crítica que captura episódios da história em uma lógica dicotômica, judicialista e atemporal [que] configura-se atualmente em referencial teórico central na produção acadêmica relativa à educação e socialização de sujeitos surdos. (ROCHA, 2010, p. 25)

A maneira como a única história da surdez é contada, assumindo uma perspectiva de “história-tribunal” (ROCHA, 2010, p.15), dá a entender que há de um lado os surdos, que sempre quiseram e querem a língua gesto-visual, oprimidos pelos ouvintes, do outro lado, que querem e sempre impuseram/impõem a oralização. Apresenta-se uma história de lutas e vitórias, com inimigos estanques, encerrando na dicotomia oralismo x gestualismo uma série de nuances que perpassam o ser surdo, sua relação com o mundo e com os ouvintes. Ignora-se também, deste modo, que são discursos que não se encerram em dado momento histórico, para dar lugar a outros, e sim coexistem, produzindo forças, pensamentos e ações heterogêneas.

Esta história da surdez, que é contada de forma dicotômica e que implica em vencedores e vencidos alternando-se no pódio da história, demanda aliados para cada polo.

Parece-me que contar uma história da surdez como única história apenas apazigua discussões e neste caso intensifica certa distância entre surdos e ouvintes.

Tais histórias guardam de antemão os lugares nos quais os outros devem se encaixar. (...) São formas de classificar e de categorizar os outros que não lhes oferecem oportunidades de se reinventarem. (...) As únicas histórias apagam mundos, fazem desaparecer possibilidades de vida, de existências. (MORAES; TALLIS, 2016, p. 42)

Nesse sentido, apostamos nas narrativas de histórias para compor essa dissertação, entendendo com Marcia Moraes e Alexandra Tsallis que

A escrita na ciência está longe de ser o simples relato dos resultados de uma pesquisa. Ela é antes, uma forma de povoar o mundo. Uma forma de fazer mundo. (2016, p. 44).

Seguimos com a inflexão que Josselem Conti propõe para o sentido da palavra “única”:

Única história ou história única? Há uma ambiguidade aí. Se colocarmos o adjetivo antes da história, teremos uma só história carregando o sentido de uma história pré-concebida. Escolhemos, neste texto, continuar usando este adjetivo, mas posicionando-o de uma outra maneira. Se é “única”, é em um outro sentido, de singular. Propomos uma tomada de posição: histórias únicas em detrimento das únicas histórias. (2015, p. 15)

Assim, também apostamos nas histórias únicas, que possam fazer proliferar outras maneiras de se relacionar com o outro e com o mundo, produzindo uma visão do mundo diferente do que uma única história, hegemônica, produz.

As histórias caem no papel em sua maioria na primeira pessoa (eu/nós). São pessoais, mas não individuais. São pessoais no sentido que Vinciane Despret e Isabelle Stengers constroem no tópico “o pessoal é político” do livro *As fazedoras de história* (2011). Não intentamos falar da interioridade de um eu, tampouco contar uma anedota para divertir o leitor, e seria bom que as histórias não parecessem meros exemplos para ilustrar a teoria. O pessoal torna-se político na medida em que

estes pedaços de história façam sentido para os outros. (...) Poder sentir e dizer junto: ‘isso importa’ (DESPRET; STENGERS, 2011, s/p)<sup>5</sup>.

Todo esse esforço ético de trazer para a escrita as marcas da pesquisa e das histórias de algum modo encontra limites do comitê de ética<sup>6</sup>, que preconiza que se apaguem as marcas que poderiam identificar as histórias e os sujeitos que compõem a pesquisa conosco. Ainda que em alguns casos seja necessário preservá-las de certa exposição, achamos que seria interessante poder acordar com as pessoas sobre o uso de seus nomes. Frente às exigências do comitê de ética e à nossa própria falta de tempo de conversar com todas as pessoas que aparecem nas narrativas, a resposta provisória que pudemos dar a essa questão, nesta

---

<sup>5</sup> Original em francês, com tradução (não publicada) para o português feita pelo Grupo PesquisarCOM. A citação está sem página, mas é possível encontrá-la no tópico 6 (O pessoal é político) deste livro.

<sup>6</sup> Pesquisa registrada e aceita pelo Comitê de Ética em Pesquisa através da Plataforma Brasil, sob o número CAAE 65889817.6.0000.5243.

dissertação, foi o uso de nomes fictícios para as pessoas que aparecem em nossas narrativas sempre que não tenha sido possível combinar com elas sobre isso. Resolvi seguir os passos de meus pais, que me deram meu nome a partir da música “Gente”, do Caetano Veloso (1977). Acho que seus últimos versos combinam com uma pesquisa em Psicologia: “gente, espelho da vida, doce mistério”. É daí, então, que vêm os nomes fictícios que permeiam essa dissertação.

### **Caminhos e descaminhos no processo de pesquisa**

*Café da manhã de domingo na casa de uma amiga. Estavam ali as 3 gerações: vó, mãe e filha. Ia rolar uma tapioca, e o coco seco estava sendo ralado. A avó, paraense cheia dos paranauê, tinha um instrumento para ralar o coco que parecia um bastão com um ralador na ponta. Ela senta em um banquinho baixo, em cima do bastão, e com as mãos esticadas para frente roda o coco com muita rapidez e destreza naquela ponta, e dali caem os flocos ralados em uma bacia aos seus pés. Quando já tinha coco suficiente para a iguaria, vai ao fogão. A neta de 3 anos senta-se no banquinho e começa a imitar os movimentos da avó. Empolga-se naquela sua participação para o café de domingo, mas a avó vê erros nos movimentos da pequena e tenta ensiná-la: “Não, Gabi, não é assim. Olha, Gabi, faz assim. Calma, Gabi, vou te mostrar.” Gabi, do alto de sua sabedoria e experiência de vida, interrompe a avó e, com o braço esticado e a mão espalmada em um sinal de “apenas pare”, diz: “Cada um faz do seu jeito. Eu faço do **meu** jeito!”*

Gabi é sábia: cada um faz do seu jeito! Mas ninguém faz sozinha, né, Gabi? Essa pesquisa e dissertação fiz do meu jeito, mas longe de sozinha. Conto aqui um pouco sobre como foi esse processo. A ideia é trazer para o corpo do texto alguns brancos e tropeços da escrita e da pesquisa, e as estratégias de desvios deles – marcas do processo de pesquisar. Intento também mostrar a multiplicação das entradas e dos espaços de discussão, forjas de novas coletividades que moveram com as questões de pesquisa. São as várias histórias únicas do processo dessa pesquisa, que proliferam modos de escrever e pesquisar.

Eu me encontrava no meio do campo da surdez, imersa em diversas questões, passando ao largo de outras tantas, esbarrando em mais algumas. Diante das histórias que via e vivia, diante da escolha do tema “relação entre surdos e ouvintes” como linha condutora da pesquisa (tema amplo demais, aberto demais, como costumam ser os temas no início das pesquisas), por onde começar a desenrolar este novelo?

Marcia sugeriu que nós experimentássemos uma afecção pelo campo – ressonâncias e estranhamentos que entrar no mestrado provocou em mim, frente minha experiência com a surdez – atentas a histórias que de alguma maneira nos interpelasse. À medida que ia encontrando histórias, as registrava, montando textos maiores ou usando apenas poucas palavras, só para não esquecer<sup>7</sup>, para em seguida conversarmos sobre as histórias e os afetos que as atravessavam. De modo que a composição de um campo de afecção não se encerra nos estabelecimentos nem nos indivíduos que percorrem esses espaços. O que delinea o campo de afecção são as conexões forjadas coletivamente. Nesse caso, digo nós: eu, a orientadora, o grupo de pesquisa.

Apesar de acompanhados, tem algo que diz de uma organização mais individual no processo de pesquisa e de escrita. O processo de escrita implicou em momentos mais coletivos (como as disciplinas, trio de estudos, troca de texto com os colegas) e momentos mais individuais, em que tudo que precisamos é de um pouco de solidão para pensarmos e desenvolvermos no papel esse pensamento. Nestes caminhos, há momentos de calma, em que poucas letras surgem no papel em branco, e outros de intensificação da escrita, em que o papel se colore rapidamente (normalmente momentos em que os prazos se apertam). Algumas estratégias surgem, como por exemplo, eu criei uma estrutura com os tópicos e com o conteúdo que queria abordar em cada um. Estratégias que rapidamente se desmancham, pois que os tópicos e conteúdos não nos obedecem – não tente ficar muito preso a eles, isso pode fazer a escrita travar!

Os espaços acadêmicos, salas de aula, troca com outros alunos da graduação e da pós graduação – cada qual com sua bagagem, a partir de percursos distintos – contribuem para criação de novos conhecimentos ao interpelar antigos saberes que nos acompanham. Aconteceu na disciplina “Psicologia e Estudos da Deficiência” ofertada por Marcia como eletiva para a graduação, da qual participei. Ali, com nossas bagagens – eu, com os Estudos Surdos, ela com os Estudos sobre a Deficiência, os alunos com experiências diversificadas com os temas – produzimos um deslocamento na pesquisa, possibilitando discutir as aproximações e distanciamentos de diferentes modelos da deficiência e da surdez (o modelo biomédico, o modelo cultural, o modelo social).

---

<sup>7</sup> Nosso modo de operar o diário de campo proposto pela Análise Institucional (LOURAU, 1993).

A aposta na produção coletiva da pesquisa também traz uma relação outra com o tempo. Para a qualificação, por exemplo, minha vontade era adiar o quanto possível, para que pudesse ter mais tempo com o texto, mais tempo meu com o texto. O grupo de orientação coletiva me incentivou a qualificar antes do que eu desejava, para que o texto pudesse ser permeado de outras vozes e a pesquisa pudesse se abrir de outra maneira, na construção de uma coletividade que engendrava a própria pesquisa. Além disso, a coletividade na construção da pesquisa descentraliza as demandas, o que faz também que o peso e a pressão de pesquisar não recaia individualmente sobre o pesquisador.

A qualificação ocorreu de uma maneira singular e especial. Fizemos do espaço um dispositivo de pesquisa. Foi uma invenção nossa diante de um problemão de pesquisa. Com o deslocamento produzido pelo nosso encontro com os Estudos Surdos e Estudos sobre a Deficiência, nos vimos diante de tensões e disputas do campo da surdez com as quais não sabíamos como lidar naquele momento. Não buscávamos fazer uma pesquisa para afirmar nem a surdez como minoria linguística nem a surdez como deficiência, mas por muitas vezes nos deparávamos com esses posicionamentos no campo. Interessava-nos discutir possibilidades de estar neste campo incluindo essas tensões e disputas.

Nós refletimos bastante sobre o nosso desejo de convidar uma pessoa surda para a banca. Mas trazer um surdo na banca poderia se configurar como uma resposta rápida demais para a tensão com relação a esses posicionamentos que encontrávamos no campo. Lembramos de Donna Haraway (2016) e seu livro, *“Stay with the trouble”*, e resolvemos ficar com esse problema por mais um tempinho. Então, para trazer a surdez mais para perto na qualificação, resolvemos convidar pessoas surdas (contratamos um intérprete) e pessoas que trabalhassem com a surdez a ler e opinar sobre o trabalho que vinha sendo realizado até então, e somar às contribuições da banca no momento da qualificação. Diferente da maneira habitual, os convidados não seriam espectadores, mas participantes e debatedores do processo em curso. Assim, após as considerações da banca, se operou uma roda de conversa e trocas, onde os presentes – pessoas surdas e ouvintes, profissionais técnicos e docentes, todos do campo da educação – colaboraram, a partir de sua experiência e da leitura prévia do texto de qualificação, fazendo críticas, contando histórias, dando sugestões, seguindo juntos. Outras pessoas que não puderam estar presentes no dia também me deram um retorno com suas

contribuições. E esse momento rendeu! As discussões provocaram desdobramentos e de fato interpelaram a pesquisa.

Esse modo de organizar a qualificação se mostrou muito produtivo, ampliou o diálogo e permitiu reflexões e direcionamentos da pesquisa e do texto de maneira muito rica, fértil e plural. Trouxemos esse registro para o texto na direção de afirmar espaços como este, que escapem ao tradicionalismo acadêmico e provoquem percepções outras sobre a pesquisa e o próprio processo de pesquisar.

Após a qualificação, parece que não escrevi nem uma linha! Durante 5 meses, nada foi para o papel. No fim do semestre, eu me sentia envergonhada e culpada com isso. A sensação que imperava era de improdutividade. Parecia que não escrever significava não ter feito nada, ter desperdiçado um semestre inteiro! Mas algumas reflexões me levaram a ver os espaços pelos quais eu havia circulado naquele semestre – eventos, aulas – e as discussões sobre a pesquisa e o texto que vinham sendo construídas nesses espaços. A pesquisa e o ambiente acadêmico me provocaram e convocaram a ocupar espaços outros que não apenas o cotidiano de trabalho.

Poder estar em todos esses espaços discutindo a pesquisa e desdobramentos dela não tinha nada a ver com desperdício de tempo e com a sensação de falta e culpa que me invadia. Ainda é forte a influência do que hegemonicamente a academia espera como produção: pesquisa operada no campo e quantidade de linhas e páginas escritas. Mas nesse processo, pude afirmar outros encontros como produção também.

A partir dessa rememoração pude valorar toda essa trajetória como produção de pesquisa e de conhecimento. Rememorar tal qual Haraway (2008, p. 162) propõe com o trocadilho *re-member*. *Remember*, em inglês, é lembrar. *Re-member* seria re-membrar, rearticular os membros,

(...) reconhecer todos os membros, animados e inanimados, que inventam o nó de uma vida em particular (...) (HARAWAY, 2008, p. 162).

É importante ter em mente que escrever é muito frágil. No processo da escrita, de repente tudo se desmonta. E escrever é muito potente. No processo da escrita, de repente nos apaixonamos pelo tema de estudo novamente.

Por muitas vezes nós, mestrandos e doutorandos (pelo que compartilhei com companheiros dessa jornada) ficamos na ansiedade da escrita. É que o Mestrado e o Doutorado não são pouca coisa: provocam em nós deslocamentos de variadas intensidades, em diversos âmbitos, e abrangendo muitos temas. Então quando olhamos a escrita, parece que aquele texto não faz jus ao tanto que aprendemos. Quando escrevemos, algo cai no papel, e um tantão de outros algos ficam de fora. É difícil, mas temos que abrir mão da ilusão de que iremos transmitir, com nosso texto final, todas as transformações produzidas em nós e por nós.

Essa conclusão também é frágil, pois 1 semana depois de ter escrito esse texto, tava eu lá, super nervosa novamente!

Ao fim e ao cabo, nos encontramos aqui. No exercício de transmitir algo desta pesquisa, na certeza que tantos outros algos ficaram pelo caminho, e na intenção de retomá-los, quem sabe, em algum momento. Agora entendo o que diziam quando entrei no Mestrado: 2 anos passam rápido!

## **Tradução**

Ainda no sentido de explicitar nossas políticas de escrita, é importante apontar que a maioria das histórias narradas nessa dissertação aconteceu em Libras, foram por mim traduzidas e aqui são apresentadas suas versões em português. Isso nos levou a nos encontrarmos com a questão da tradução e seu atravessamento na pesquisa.

*Em um belo dia de feriado, estudando com as amigas do trio de estudos (eu, Carol e Tainá), resolvi ler para elas o que vinha escrevendo. Conteí algumas histórias, e após isso elas começaram a me interrogar: como você está colocando essas histórias no papel? Com que palavras? Esta interrogação vem com uma explicação. Ao ler em voz alta eu não apenas lia, mas também fazia o que elas chamaram de “encenar as histórias” (na verdade eu estava sinalizando sem perceber), acrescentando quais sinais as compunham, quando achava que em Libras a história fazia mais sentido ou ficava mais bonita que em português. Foi neste momento, quase 9 meses após começado o Mestrado, que me dei conta do que agora parece óbvio: eu estava escrevendo a tradução de histórias que aconteceram em outra língua. E isso tem algumas implicações importantes.*

Ainda não está tão claro para nós de que forma pensar com o corpo, com uma língua pautada inteiramente no uso do movimento e do espaço (uma língua visuo-espacial, tal qual a Libras) afeta a maneira do pensamento se organizar, mas faz muita diferença, inclusive para ouvintes, organizar o pensamento a partir da língua de sinais. Neste sentido, pensar com o corpo atravessou a tessitura deste trabalho e modulou nossa maneira de narrar.

*Mais ou menos dois meses para entregar a dissertação. Invariavelmente, aquela tensão e nervosismo crescendo em mim e à minha volta. Em mais uma maratona de estudos do trio, estou batendo cabeça: leio e releio meu texto, e algo ali não parece claro. Algo escapa. Leio em voz alta, e Tainá intervém: “É que você não tá mostrando. Você diz esse monte de “percebi”, aponta e explica suas conclusões, mas o leitor não vai junto com você. Não vê o que você viu, porque você precisa mostrar”. Não consigo entender bulhufas do que ela tá falando! Como assim eu não tô mostrando? Tô mostrando sim! Tá ali, oh, escritinho no papel!!! Ela me interpela: “Como que é em Libras?” Ah? “Em Libras, como é o sinal de mostrar? E o de explicar?”. Aceito a encomenda, faço os sinais:*



**Imagem 4:** Sinal de mostrar

**Vídeo do sinal, com movimento:**

<https://youtu.be/RmF6xdIbZLw>



**Imagem 5:** Sinal de explicar

**Vídeo do sinal, com movimento:**

<https://youtu.be/iZwxvd5MgRg>

*“Viu?” Diz ela. “É isso.” E aí eu finalmente entendi: enquanto o sinal de explicar lembra o movimento de destrinchar algo, com o posicionamento das mãos próximo ao nosso*

*corpo, o sinal de mostrar apresenta de fato, cria um campo com a configuração de mão espalmada que indica que tem algo ali a ser visto, e em seu movimento leva até o outro esse algo.*

Notando a importância e a diferença que faz o uso dos sinais em algumas situações, permeamos esta dissertação com fotos e vídeos (para além dos vídeos de resumos em Libras), na tentativa de trazer a experiência da língua visuo-espacial para este trabalho.

Além disso, a tradução se mostrou também como pista para a composição do comum, discussão que retomaremos adiante.

### **Acessibilidades para o texto**

Entendemos que os textos acadêmicos muitas vezes são pouco acessíveis, e acabamos falando apenas entre nós, acadêmicos. A escrita desta dissertação levou isso em conta e buscou uma linguagem que mais se aproxime do cotidiano, como a pesquisa também se buscou fazer a partir do e aproximando-se do cotidiano.

Propomos e nos utilizamos, também, de algumas estratégias para que o texto da dissertação fosse mais acessível a pessoas cegas e pessoas surdas sinalizantes<sup>8</sup>.

A forma que aparecem as histórias e as citações neste texto foram inspiradas na dissertação da Camila Alves, buscando identificar visualmente (e audivelmente, quando a leitura se fizer através de leitor de voz) a presença de diferentes tons no texto.

**As memórias dos encontros estão em itálico e no corpo do texto.** Isso se dá dessa maneira para tornar mais simétrica a experiência de leitura visual deste texto com a experiência de leitura pela via do leitor de voz. O leitor de voz dessa maneira identifica que há no texto alguma quebra, alguma ruptura, mostra isso mudando o tom da leitura, o itálico visualmente, pretende também fazer aparecer essa quebra, esse relance que as memórias fazem aparecer nesse processo de escrita. Ao contrário das memórias, **as citações aparecem recuadas**, para que fique marcado a não continuidade no texto. (ALVES, 2016, p. 8, grifos nossos).

---

<sup>8</sup> A nomenclatura surdo “sinalizador” ou “sinalizante” não é consensual no campo. No cotidiano, a que mais ouço é sinalizante. Perguntei para alguns colegas surdos qual seria a nomenclatura mais apropriada, e a maioria respondeu-me “sinalizante”. Por isso, nessa dissertação usei essa palavra para referir-me aos surdos usuários da língua de sinais. Como me disse Ronaldo, amigo professor de português do INES, “esse é um caso que o próprio uso vai fazer a língua optar por um dos dois termos, mas por enquanto isso está sendo gestado por ela”.

No início de cada tópico colocamos um link para o vídeo de seu resumo em Libras. Sabemos que a Lei da Libras entende que ela não é uma língua substitutiva do português na sua modalidade escrita, e preconiza, assim, que o surdo brasileiro tenha fluência na língua portuguesa escrita. Não propomos, com o resumo em Libras, que a língua de sinais substitua o português desta dissertação, mas sim que a partir do resumo em sua primeira língua (como muitos consideram), os surdos sinalizantes tenham maior clareza sobre o que se trata o tópico, lendo-o a partir do eixo proposto pelo resumo, e também avaliando e adequando a leitura da dissertação aos tópicos que lhe despertem maior interesse, afinidade ou curiosidade.

Posto o nível de fluência que temos nesta língua, tal estratégia nos demandou um resumo-roteiro em português, para que pudéssemos filmar a versão em Libras. Optamos por mantê-lo também no início dos capítulos. Uma estratégia que a princípio visava acessibilidade para um público específico desdobra-se em acessibilidade para todos, pois agora também os usuários de português poderão de antemão ter em mente sobre o que se trata cada capítulo<sup>9</sup>.

Cabe ressaltar que o fato do resumo em Libras ter sido feito por mim, Lucila, implica que talvez apresente alguns erros gramaticais e linguísticos, posto o meu nível de fluência em Libras. Optamos por produzi-los nós próprias<sup>10</sup>, e não por um intérprete, pois entendemos que assim como o português escrito traz as marcas de autoria, seria interessante que na versão em língua de sinais essas marcas também pudessem aparecer.

---

<sup>9</sup> Allan Dayvidson, amigo e parceiro de turma do Mestrado, leu este texto e lembrou-se de um vídeo que viu, certa feita, que falava sobre o “*curbe cut effect*” – estratégias e materialidades que são utilizadas a princípio como acessibilidade para certo público, mas acabam atingindo outras populações. Como, por exemplo, a rampa para cadeirantes que pode servir também para pessoas com carrinhos de compras ou de bebês.

<sup>10</sup> *With a little help from my friends*: agradeço a ajuda com produção, filmagem e edição de Ronaldo Gonçalves Oliveira, professor de português e literatura do INES e entusiasta das artes cinematográficas e teatrais, amigo com quem divido a vida através do grupo TEAR (Teatro Espírita Amor e Arte) há aproximadamente 14 anos.

## **DESENHANDO O CAMPO**

### *Capítulo 2*

Suportar a ansiedade em chegar do outro lado,  
o medo de se afogar e se perder.

### **Resumo em Português deste capítulo**

Aqui mostramos a entrada no INES e outros espaços onde nos encontramos com a surdez: na rua, em ônibus, com o relato de outras pessoas, na infância. Esses encontros configuram o campo de pesquisa. A partir de histórias, trazemos também os discursos presentes no campo. Debates o discurso biomédico, a ideia da surdez como minoria linguística (com seus conceitos de comunidade, cultura e identidade surdas) e a prerrogativa da autonomia enquanto independência – que as feministas estudiosas do campo da deficiência contrapõem com o conceito de interdependência.

### **Resumo em Libras deste capítulo**

[https://youtu.be/j\\_v1m5I112Y](https://youtu.be/j_v1m5I112Y)

### **Entrada no INES**

Entrei no INES pela primeira vez em 2013, na ocasião em que fui entregar documentos para a posse da vaga de psicóloga. Eu havia passado em um tão desejado concurso público. Era um concurso para trabalhar em uma escola de surdos, e como eu tinha planos de seguir carreira na área de psicologia escolar, me animei. Imaginava uma escola parecida com as que eu conheci durante minha vida escolar, acadêmica e profissional. Nem fui procurar mais informações no Google.

Quando cheguei lá, dei de cara com essa construção impactante, um prédio que, apesar de baixo (com seus apenas três andares) parece enorme. Por fora, pintura nova. Amarelo, com detalhes brancos. Bem conservado. Mas sua arquitetura muito antiga, sua cúpula no alto do prédio e suas janelas e sacadas esculpidas fazem lembrar um castelo ou uma mansão de desenhos animados, que destoa dos prédios retilíneos mais típicos da paisagem carioca da Rua das Laranjeiras.

Ao entrar, a sensação é que aqueles corredores largos e com pé direito dois ou três vezes mais alto do que o habitual nas construções de hoje em dia poderiam me engolir a qualquer momento. Imaginava que das suas escadas de ferro e mármore alguma majestade desceria em breve. Pisava no chão de madeira de lei esperando que rangessem, como o chão das casas velhas de filme de terror *noir*, apenas com o assoalho brilhando mais, de tão bem encerado.

Caminhei até meu destino, a sala dos recursos humanos, bom e velho RH, de onde eu esperava sair com um crachá diferente do que o de “visitante” que recebi na portaria. Quem sabe o de “servidora”?

No meio do caminho, ouvi a algazarra dos alunos no pátio. Quem disse que a surdez é um mundo de silêncio? Esbarrei ainda com alguns que conversavam tão rápido com as mãos que logo percebi que o alfabeto que aprendi com a Xuxa pouco me ajudaria ali.

Senti que estava entrando em um mundo diferente.

Ali o velho e o novo pulsavam forte, quase forte demais, revelando um contraste sensível a olhos nus. Na ocasião da posse, fui apresentada a então diretora. Gente fina, bem falante. Seu corte de cabelo, óculos e casaquinho compunham a típica imagem de professora ou bibliotecária. Ela tinha um broche dourado com a insígnia da república brasileira, ornada com o nome do MEC e do INES, e logo eu também ganhei o meu. A pergunta que ela me fez acentuou sutilmente o contraste já notado. Perguntou-me algo como: *“o que você acha de trabalhar com pessoas mais velhas e mais antigas na instituição?”*. A princípio não entendi o porquê da pergunta, mas ainda assim respondi: *“Bem, acho que se tem muito a aprender com as pessoas e com a história. E os jovens também podem trazer um certo frescor da academia e de novas teorias. Então são trocas riquíssimas.”* Mas a pergunta não passou batida, me deixou com a pulga atrás da orelha.

Estava entrando em um campo em disputa entre saberes tradicionais e aqueles que o desafiam. Disputas políticas sobre quem pode falar neste campo, e por ele. No trabalho, e com esta pesquisa, coloco-me também nessa disputa, no exercício de um outro modo. Não para falar pelo campo, mas para falar com o campo – considerando também o lugar diferenciado de ouvinte trabalhando no cenário da surdez. Não uma disputa mirando o pódio, mas antes uma disputa com contornos flexíveis e temporários, pela inconclusão do campo, pela abertura, mais do que fechamento dentro de outra verdade qualquer.

*Outros encontros foram acontecendo, e algo neles se repetia. Especialmente no encontro com os surdos e com pessoas que trabalhavam há bastante tempo na instituição, 3 perguntas andavam sempre juntas, em tom solene e por vezes desconfiado: “Você é nova, né? Você é o quê (referindo-se à minha profissão)? Você já trabalhou com surdos antes?”*

Esses primeiros passos e encontros me deram pistas da instituição em que eu estava entrando, como a tensão entre os servidores, especialmente entre os mais antigos e mais novos

na instituição, bem como a demanda por um especialismo que autorize suas falas. E essas três perguntas que andavam juntas trouxeram-me também o tom de uma convocação: qual meu lugar aqui? Que saberes preciso ter e desenvolver para lidar com esse público? Preciso, mesmo, de um saber específico?

Naquele momento eu buscava uma adaptação ao que me parecia ser outro mundo. Porém o que eu ainda não sabia é que se tratava do tipo de curiosidade à qual se refere Michel Foucault na introdução do livro “História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres” (1998), o tipo de curiosidade que convoca ao nosso próprio deslocamento.

É a curiosidade — em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. (1998, p. 12).

### **Cenas da infância**

Nestes primeiros encontros com a surdez fui convocada a uma certa rememoração de experiências (remembrando, lembra? Haraway, 2008, p. 162). Buscando alguma história na minha vida antes de entrar no INES que remetesse à surdez. Lembro-me, então, de cenas da infância, e tento trazê-las para o presente.

*Devia ter 7 ou 8 anos, e corria na rua, rindo com alguns amiguinhos. Nós estávamos implicando com alguém. Quem era ele? Tinha também nossa idade, era primo de um dos amigos de condomínio. Estava só visitando. Implicávamos com ele, zoávamos, xingávamos de burro, e ríamos e corríamos. Ele corria atrás da gente, gritando com uma voz meio estranha que não articulava palavra alguma: “Ã! Ã! Â! Â!”.* Apesar de tudo, ele parecia estar se divertindo. Lembro-me de na época achar que ele era “retardado mental” - eu e meus amiguinhos. Será que ele era surdo??? Lembro de seu nome, nome diferente que eu nunca vi igual, e vou então à busca no sistema informatizado: sim, ele já foi aluno do INES! Procuo

*então no arquivo físico, e leio sua pasta de aluno: nenhum registro de algum comprometimento. Só a surdez (se considerarmos a surdez um comprometimento, né?).*

*Na mesma idade, brincávamos em uma pracinha próxima ao condomínio. Havia muitas casas circundando esta pracinha. Uma especialmente era quase atração da criançada. Nela morava uma moça “muito velha” na minha imaginação infantil (hoje imagino que ela tivesse no máximo 30 anos à época!). Bem gorda, descabelada e com roupas meio esdrúxulas. Ela ficava agarrada no portão verde da garagem. Provocávamos, chamávamos ela para a rua, para a praça, convocávamos ela a nos “pegar”, como em um pique. Só que quem tava do outro lado não parecia estar brincando. E a diversão começava quando ela sacudia as grades e gritava, parecendo irritada conosco. Corríamos, fugindo de um monstro imaginário, uma pessoa que quedava-se presa. Triste lembrar disso. Das implicâncias, da prisão. Da maneira como tratávamos (tratamos) as pessoas com deficiência ou alguma diferença mais chamativa. Seria aquela moça surda? Será que alguém nos explicou?*

Essas memórias não são descoladas de uma produção social. Na história da surdez como nos é apresentada, os surdos foram, e ainda muitas vezes são, confundidos com “retardado mental”, marcados com rótulos de “déficit intelectual”, “dificuldades de aprendizagem”, “dificuldades com o pensamento abstrato – ‘o surdo é concreto!’”. Não apenas por crianças implicantes na rua, no meio de brincadeiras, mas por profissionais que marcarão a vida dessas pessoas para sempre – médicos, juízes, professores e psicólogos.

### **Encontros com a surdez na rua**

Estar no INES, aproximar-me da surdez e me interessar por este universo teve um efeito interessante que afetou não apenas a mim, mas a outros com quem convivo e a quem eu levava histórias sobre meus encontros com a surdez: passei a ver (e passaram a me contar de) muito mais surdos ao redor. A surdez passou a me convocar em diferentes espaços. E várias pessoas agora, após contato comigo (com este meu migo, esse eu que vivencia e fala muito sobre surdez e Libras), começam a se sentir convocadas pela surdez também. A ponto que uma amiga chegou a me dizer: “*tá com mais surdo na rua hoje em dia, né?*” Prestávamos, agora, mais atenção à existência de surdos. De repente o mundo estava povoado de surdos como eu nunca vi antes.

Nós (eu e essas várias pessoas que têm contato com meu pezinho neste campo) passamos a ser “fisgados” pelos surdos e pela surdez. Tenho notícias disso à medida que as pessoas me veem como referência para contar qualquer “causo” que aconteça no encontro delas com algum surdo, com a surdez, seja como personagem ou como espectadores. Além disso, quando as pessoas descobrem que eu sei Libras, normalmente têm uma reação de interesse, dizem que gostariam de estudar essa língua também, e pedem que eu ensine alguns sinais.

*A Carol é muito engraçada! Pegou um Uber, e o aplicativo a avisou que o motorista era surdo. Ela ficou encucada sobre como falaria com o motorista. Quando ele chegou, ela falou seu nome, apontando para si mesma (um pouco mais alto e devagar do que normalmente falaria!). Mas logo percebeu que não precisaria de grandes conhecimentos para se comunicar com ele: o motorista apontou no próprio celular duas ou três opções de caminho, ela apontou qual escolhia, e seguiram viagem. Durante o percurso Carol ficou pensando em como agradeceria. Ao chegar no destino, ela acabou fazendo, espontaneamente, o gesto de “positivo”, com as mãos fechadas e os dois polegares apontados para cima, acompanhado de um sorriso. Depois deste acontecimento, ela me pediu que lhe ensinasse alguns cumprimentos em sinais (bom dia, boa tarde, boa noite, obrigada) e durante uns meses a cada vez que nos encontrávamos ela repetia esses sinais para mim, com uma cara de criança sapeca querendo que eu confirmasse que ela aprendeu a lição.*

O texto parece ter também este efeito. Algumas pessoas que o leem, me contam em seguida de seus encontros com a surdez, também. Aconteceu com a Katia na banca de qualificação, em que ela iniciou sua fala lembrando encontros que ela teve com a surdez em sua vida profissional, que ela mesma já tinha esquecido. Aconteceu com a Ana Claudia na disciplina “Seminário de Mestrado I”<sup>11</sup>, em que discutíamos o meu texto<sup>12</sup>. Ana trouxe memórias de sua infância, em que também lembrou a presença de uma criança surda.

---

<sup>11</sup> Na disciplina “Seminário de Mestrado I”, a cada semana discutimos o trabalho de 2 alunos da turma, para que outras vozes e outros olhares permeiem a pesquisa de todos. Funciona como uma orientação coletiva com a turma que entra no Mestrado no mesmo ano e o/a professor/a da disciplina.

<sup>12</sup> Por coincidência, numa segunda-feira seguinte ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que teve como tema da redação “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil” (novembro/2017).

*E eu achei tão curioso que decidi que ia escrever um tópico sobre isso. Nem que fosse para pontuar, deixar registrado esse efeito que percebi. Mas quando comecei a escrever esse tópico, não soube muito bem qual era o sentido dele. Escrever só por registrar? Mas o que tem de interessante nesse fato? Não sei... mas alguma coisa tem. Tô sentindo um cheirinho...*

Então, ouvindo a gravação de uma orientação com a Marcia é que fez um *click*.

*Quando você volta só para o encontro entre os ouvintes, ainda que não tenha nenhum surdo, existe alguma coisa da surdez que tá ali. Que tá com você, na verdade. Então se a gente tá discutindo..., sei lá, o edital, prova de língua, tem alguém ali, você que tá ali, para estranhar: “pera lá, mas se chegar um surdo, qual a língua do surdo?” Entendeu? É isso que eu tô querendo dizer. Ainda que não tenha um surdo, tem uma marca da surdez que te atingiu de alguma maneira, ainda que você continue ouvinte.*

Assim, ainda que não seja surda, eu fico marcada pela surdez, de algum modo. Não à toa as pessoas trazem histórias de encontros com surdos para mim. E essa marca se transmite, em certo grau, porque as pessoas passam a ser afetadas pela surdez de modo diferente. Eu levo essa marca adiante. A partir dela e com ela torno-me ativista por um mundo mais plural e comum, que seja menos centrado de modo tão hegemônico na audição. Que possa incluir outras sensorialidades e outros sentidos.

### **Configuração do campo de pesquisa**

Mas então o que se configuraria como campo de pesquisa? O primeiro lugar, um pouco mais óbvio, seria o INES, local onde trabalho e onde surge meu interesse por questões relacionadas à surdez, pela cultura surda, pela Libras e pela maneira do surdo estar no mundo e se relacionar com os ouvintes – os encontros do mundo surdo e do mundo ouvinte. Ali tenho cadernos e pastas no computador com registros de trabalho (relatos e relatórios de atendimentos, grupos, projetos, ideias, planejamentos), e diários de campo com anotações que normalmente ficam de fora destes textos formais.

Aos poucos esse campo foi se apresentando mais largo: o movimento de surdos no espiritismo (com minha aproximação deles), conversas no WhatsApp com surdos (e ouvintes que têm alguma relação com surdos), outras redes sociais (como o Facebook), memórias diversas. O mestrado também trouxe contatos com outros espaços, como os acadêmicos, onde participei de discussões que ampliaram a visão que eu tinha do que era o campo da surdez –

deslocando-me da percepção da surdez enquanto minoria linguística para pensar a pluralidade do campo. Aparecem nessa dissertação também outros encontros em diversos espaços do cotidiano, na cidade (ônibus, rua, lanchonete), onde sou “fiscada” pelos surdos, bem como relatos que me chegam de outras pessoas que vêm me narrar seus próprios encontros com a surdez.

Conforme mencionamos na introdução dessa dissertação, o campo aqui se configura a partir desses encontros com a surdez – atravessados pelo INES, pela análise institucional e pela psicologia escolar, mas não restrita a eles. À medida desses encontros, apresentamos recortes do campo, cada recorte com seus atores, suas questões e seus referenciais – conforme a direção que a pesquisa foi nos levando, e tendo em mente as questões centrais da pesquisa, relativas à percepção da dicotomia entre mundos e às possibilidades de composição de um comum e de habitação do pluriverso da surdez.

Neste sentido, traremos a seguir alguns discursos que permeiam o campo, com os quais nos encontramos.

## **Dolores**

O campo da surdez é permeado por diversos discursos e saberes em disputa. Existe uma força muito grande do saber biomédico. Quando não feito em equipe multiprofissional, muitas vezes o médico é quem diagnostica a surdez, e dá as primeiras orientações à família. Quando a criança não consegue se comunicar e fica agitada e agressiva porque não sabe como expressar seus desejos e sentimentos, e os outros tampouco sabem como ouvi-la, a família geralmente procura o médico para identificar se há algum problema neurológico com a criança. Nem todo profissional tem o discurso centrado no saber (e poder) da medicina, mas muitas vezes as orientações não levam em conta a diversidade vivenciada pela pessoa surda. No caso do surdo sinalizante, cabe ainda se considerar que é um sujeito usuário de outra língua, e que então os instrumentos adequados para a avaliação que levam em conta a língua e a linguagem deverão ser adaptados e validados.

Com o discurso biomédico prioriza-se o saber biológico e fisiológico. Nesta perspectiva, a deficiência é entendida como falta e está diretamente relacionada à lesão corporal, e localiza-se no corpo deficiente a dificuldade ou impossibilidade de participação social.

*No início deste ano [março/2017], Dolores, surda, estava insatisfeita com os serviços prestados pela operadora de telefonia móvel. Seu plano tinha 1000 minutos para ligações e poucos dados para internet – o que não fazia sentido para Dolores, já que ela não realizava chamadas de voz. Desejava, então, cancelar o plano. Foi a uma loja física, onde foi informada que precisava realizar o procedimento pela central – via internet ou telefone. Solicitou-me ajuda. Liguei para a central de atendimento, e não pude realizar o procedimento de cancelamento da linha – apenas a própria pessoa poderia realizá-lo. Expliquei que a cliente deles é surda, e perguntei qual a via para contato neste caso. Esperei 20 minutos na linha enquanto a atendente tentava descobrir com sua gerente qual o procedimento. Desisti. No dia seguinte, tentamos novamente. Descobri no site um espaço que explicava o “atendimento a deficientes auditivos”, e oferecia duas opções (reproduzo-as aqui):*

*1 – Atendimento Exclusivo via [Operadora] Torpedo pelo número xxxx:*

*Envie uma mensagem de texto\* do celular [desta operadora] para o número xxxx, e você poderá fazer uma solicitação de serviço, reclamações, elogio, cancelamento, ou esclarecer dúvidas. A resposta será enviada pela Central de Relacionamento com o Cliente, através de mensagem de texto.*

*\*Para adesão a este serviço, é necessário efetuar o cadastramento nas Lojas, mediante a apresentação de atestado médico.*

*2 – Central de Comunicação com Deficientes Auditivos:*

*Este serviço é gratuito e destinado exclusivamente aos clientes [dessa operadora] que desejam se comunicar do seu celular com um cliente deficiente auditivo ou da fala. Para utilizar o CIC (Central de Intermediação e Comunicação) você deve ligar para xxx do seu [celular desta operadora] e informar ao atendente o número do aparelho TDD (específico para deficientes auditivos ou da fala) que deseja se comunicar.*

*Entendendo que Dolores não desejava ter que ir ao médico solicitar um atestado para conseguir se cadastrar e enfim poder realizar a solicitação de cancelamento, bem como*

*sabendo que nem todo surdo tem um aparelho de TDD<sup>13</sup> à disposição, percebi que talvez Dolores precisasse que alguém se passasse por ela para cancelar o serviço via telefone.*

Quantas tecnologias são necessárias para falar ao telefone? Em que medida o discurso médico atravessava a (im)possibilidade de atendimento de Dolores? O quão poroso estamos para invenção de novas maneiras de se comunicar a partir do encontro com a diversidade?

Nessa situação, para a operadora, Dolores tem um déficit. É deficiente no sentido biomédico. A ela, falta audição, e por isso não conseguia se comunicar com a operadora de telefonia celular. Em outra perspectiva, a deficiência é um marcador da opressão social evidenciada pelo encontro de Dolores, que foge à corponormatividade<sup>14</sup> (MELLO, 2016), e a operadora de telefonia que não oferecia linhas de atendimento viáveis para esse corpo. Esse é o conceito de deficiência preconizado pelos Estudos sobre a Deficiência.

O discurso biomédico coloca a deficiência no corpo com lesão ou diferença, e associa a este corpo uma falta, diante de uma normalidade esperada – a deficiência nesse caso é de Dolores. Se a deficiência é encarada como falta, resta apenas reabilitá-la. E o médico é a figura central para autorizar, orientar e, por vezes, executar a reabilitação. No caso de Dolores, isso seria a necessidade de permissão de uma autoridade médica para a comunicação com a operadora – a apresentação de um atestado médico na loja física (aquela que, sendo o primeiro lugar ao qual Dolores recorreu, não pôde atendê-la).

O discurso médico permeia outras práticas (como as pedagógicas, psicológicas, fonoaudiológicas, e outras práticas do cotidiano), clama pela reabilitação – como o uso do aparelho de amplificação sonora individual (AASI) ou do implante coclear (IC)<sup>15</sup> – e busca a

---

<sup>13</sup> *Telecommunication Device for the Deaf*. Antiga tecnologia de comunicação telefônica utilizada para surdos e deficientes auditivos. Com a disseminação dos aparelhos *smartphones* e outras tecnologias, seu uso foi diminuindo – porém ainda é utilizado. Para mais informações, ver: <http://jafeol.blogspot.com/2009/11/o-tdd-telefone-para-surdos.html> e <http://cronicasdasurdez.com/campanha-telefone-tdd-nao-e-acessibilidade-para-surdos/>, acessados em 14/06/2018.

<sup>14</sup> Mello (2016) afirma a corponormatividade, no contexto da teoria *crip*, como o sistema de opressão de nossa estrutura social pouco sensível à diversidade corporal, que marca assim certos corpos como capazes e outros como incapazes. Nessa estrutura, tem-se também o capacitismo, categoria “materializada através de atitudes preconceituosas que hierarquizam sujeitos em função da adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional. Com base no capacitismo discriminam-se pessoas com deficiência” (MELLO, 2016, p. 3266).

<sup>15</sup> O AASI e o IC são tecnologias eletrônicas que visam possibilitar sensação auditiva para o surdo. O AASI é um aparelho externo utilizado para amplificar os sons, no caso em que a pessoa tenha resquício auditivo. O IC é composto por uma parte externa móvel similar a um aparelho auditivo, e uma parte interna fixa que é implantada

ouvintização (SKLIAR, 2005) do surdo – ou seja, que ele se comporte de forma mais aproximada possível com um sujeito ouvinte, que neste caso é a referência de normalidade.

Ouvintismo é um conceito proposto por Skliar (2005, p. 15) como uma forma de contrapor o discurso biomédico sobre a surdez.

*Desouvintizar, ouvintismo, ouvintização* constituem neologismos para descrever práticas colonialistas dos ouvintes que fazem que os surdos sejam obrigados a narrar-se, julgar-se e pensar-se como se fossem ouvintes. (SKLIAR, 1999, p. 29, grifos do autor).

Tal conceito é bastante disseminado no campo dos Estudos Surdos,

uma nova territorialidade educacional (...) onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas, são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político (SKLIAR, 2005, p. 5).

É importante apontar que apesar de tanto os Estudos Surdos quanto os Estudos sobre a Deficiência buscarem fazer frente ao discurso biomédico, cada um a seu modo, são muitas as distinções entre as apostas éticas e políticas das duas vertentes. Optamos nesta dissertação por trazer alguns conceitos de ambos os campos – ainda que não estejamos tecendo uma análise aprofundada deles – à medida que seus discursos contribuem para a composição e tensionamento do campo da surdez.

Diversos foram os atravessamentos discursivos, os posicionamentos possíveis, várias tecnologias em jogo, nesse encontro de Dolores, a operadora de telefonia celular e eu, a trabalhadora e pesquisadora do campo da surdez.

Acessei o site novamente em maio de 2017 e descobri que eles passaram a oferecer o serviço de “atendimento especializado em libras para deficientes auditivos” (sic site) por chamada de vídeo ou pela suíte de ferramentas VLibras, oferecida pelo Governo Federal<sup>16</sup>, desenvolvida em parceria entre o Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão

---

cirurgicamente na cóclea, visando estimular o nervo auditivo através de corrente elétrica. Ambos são adequados individualmente para a situação auditiva de cada usuário, e demandam intenso trabalho de terapia fonoaudiológica (especialmente no caso do IC).

<sup>16</sup> Tecnologia oferecida através do site <http://www.vlibras.gov.br>.

(MP), por meio da Secretaria de Tecnologia da Informação (STI) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Parece que outra força discursiva entra em jogo. Contrapondo a ideia de surdez como falta de audição, (não “*hearing loss*”, mas “*deaf gain*”)<sup>17</sup>, o movimento surdo luta para que a surdez saia do lugar de falta, para que assim o surdo saia do lugar de deficiente (na concepção biomédica de deficiência, como falta)<sup>18</sup>, e seja possível construí-lo enquanto uma minoria social, minoria linguística, que não precisa ser “tratado” ou “curado” de sua surdez, e sim de reconhecimento e política para minorias – como acessibilidade linguística, no caso com a reivindicação da acessibilidade em língua de sinais.

## **Rodrigo**

*Rodrigo tem 25 anos e tem vontade de trabalhar para comprar uma casa ou quem sabe construir uma casa em cima da do pai, ou da casa da irmã. Isso porque quer casar com a namorada. Mas ainda não sabemos disso. O que sabemos é que o pai vem ao assistente social acompanhado do aluno. Reclama que Rodrigo está agitado, agressivo. Acabam de vir de uma consulta com um especialista – neurologista ou psiquiatra – que havia lhe aplicado uma injeção e ameaçado de interná-lo. Enquanto o assistente social conversa com o pai, eu e Bruna, terapeuta ocupacional, começamos a conversar com Rodrigo em Libras. O pai não sabe Libras. Formam-se então duas conversas, a princípio, paralelas. Rodrigo reclama, diz que entendeu tudo da consulta e não quer ser internado, mas que quer “autonomia”, quer trabalhar, quer ganhar seu próprio dinheiro. Por que não trabalha? O pai não deixa. De repente algo soa estranho na conversa ao lado, e nos chama a atenção. Ouvimos que o médico está suspeitando que possa haver algum transtorno mental associado ao retardo*

---

<sup>17</sup> O movimento de surdos americanos contrapõe o termo médico “*hearing loss*” (perda de audição) com o termo “*deaf gain*” (que poderia ser traduzido como ganho da surdez), como forma de questionar a lógica do Surdo como um ser faltante.

<sup>18</sup> A partir da leitura de alguns autores, como Perlin (1998), Skliar (2005) e Strobel (2008), parece-nos que os Estudos Surdos pensam a deficiência como falta – aproximando-se do conceito biomédico da deficiência – e com essa ideia rejeitam tal conceito, e tecem em contraponto a noção de surdez como minoria linguística. Diferentemente dos Estudos sobre a Deficiência, onde esse conceito entra em disputa. Conforme aponta Diniz (2012), dentro deste último campo de estudos os teóricos do modelo social da deficiência questionam a deficiência como falta, e usam o conceito remetendo ao encontro de um corpo com lesão com uma sociedade que não está aberta às diversidades corporais dos sujeitos, operando-se nessa estrutura social a opressão da corponormatividade e o capacitismo (MELLO, 2016).

*mental de Rodrigo. Oi? Retardo mental? Este aluno que é aparentemente fluente em duas línguas (português e em Libras), que parece super desenvolvido e articulado no pátio, liderando seus amigos em partidas de futebol... Sr. Pai, como assim retardo mental? Ah, sim. Rodrigo tem um retardo mental moderado. O neuro que disse.*

*Marcamos nova conversa com o pai e Rodrigo para entender um pouco mais tudo isso. Ao longo dos atendimentos, descobrimos que o retardo mental moderado aparentemente foi diagnosticado, segundo o pai, a partir de um teste mini-mental, diante do fato de que Rodrigo não sabia realizar diversas instruções, como por exemplo, contar de 100 a 0 diminuindo de 7 em 7 números. Rodrigo ficou “reprovado” porque não conseguiu sair do 100-7. Mas o neuro fez o teste em Libras ou em português? Mas o neuro considerou que a maioria dos testes cognitivos atuais ainda não foram devidamente validados para o público surdo? E ele considerou que um possível atraso na linguagem possa ter também causado um atraso na aquisição de conhecimentos matemáticos? Ou ainda perguntou se na escola em que Rodrigo estudou ele tinha acesso verdadeiramente aos conteúdos ou se era apenas um aluno “incluído” que ficava em um canto isolado, desenhando?*

*Diagnóstico de retardo mental fornecido, e com o falecimento da mãe, foi a família para o juiz. “Seu Juíz, meu filho precisa receber pensão da mãe! Como ele seria capaz de trabalhar tendo um retardo mental moderado?!” Ok, seu Juíz, incorporando o discurso médico, bate então o martelo: Rodrigo agora é, além de retardado mental, um incapaz. Como um incapaz, deve ser curatelado. Pode sim receber a pensão. Mas não pode trabalhar: trabalhar seria provar que é capaz, e ser capaz acabaria com o dinheiro<sup>19</sup>.*

*Daí chegamos ao impasse: Sr. Pai, vamos pensar em estratégias para que Rodrigo possa trabalhar. Mas se Rodrigo trabalhar, perde seu dinheiro. Mas ele administra o próprio dinheiro? De jeito nenhum! Como poderia, se é um retardado mental, incapaz, e possivelmente transtornado mental?! Além disso só quer dinheiro para gastar com as mulheres, como essa namoradinha aí, com quem diz que vai casar. Há dois meses atrás era outra, com quem ele jurava também que ia se casar.*

---

<sup>19</sup> É importante esclarecer que há diferentes tipos e graus de curatela. Neste caso, Rodrigo não poderia trabalhar, mas há casos em que se pode negociar com o juiz uma curatela parcial, em que os curatelados podem assumir certos compromissos definidos *a priori*. E mesmo na situação de Rodrigo, eventualmente se poderia reverter a curatela.

*Negociamos com Rodrigo: por hora baixe a bola nos enfrentamentos diretos. Vamos tentar na conversa que sua família deixe você trabalhar, vamos pensar em estratégias para reverter os efeitos que este diagnóstico trouxe para você. Mas isso é a longo prazo, precisamos todos de um pouco de paciência! Negociamos com a família: vamos experimentar um pouco de “autonomia” com Rodrigo, deixemos que ele administre pelo menos parte do seu dinheiro, que ele não seja vigiado tão de perto pelas irmãs, que elas possam continuar cuidadosas, sim (afinal, ele é “filho caçula temporão adotado xodó-mimado da mãe que já morreu, retardado mental moderado, incapaz e possivelmente transtornado”), porém com um cuidado que talvez esteja sufocando!*

*Seguimos a passos lentos. Mas Rodrigo continua retornando para nos contar de seus planos de comprar uma casa (tem um aplicativo no celular de classificados de imóveis) bem como para contar que a casa agora tem que ser em Natal. Afinal, apaixonou-se por uma surda linda de lá: “olha aqui a foto!”. Mas não largou a namorada daqui não, vai que...*

Questionamos o diagnóstico e suas consequências, que nos pareceu restritivo para falar de Rodrigo, com perguntas que tinham como pano de fundo a noção de que os surdos teriam a língua como marca de diferença – necessitando então de acessibilidade linguística e escola bilíngue. Eu e Bruna fortalecíamos certo discurso que tem como base o paradigma da surdez enquanto diferença cultural e linguística.

Estávamos ocupando outro lugar, definitivamente falando com marcas diferentes, mas inseríamos-nos na comunidade surda pela aposta ética que anunciávamos ao reivindicar acessibilidade linguística. Essa comunidade seria composta por pessoas surdas e ouvintes em um território geográfico circunscrito, que compartilham esse paradigma da surdez, formando vínculos simbólicos, interesses comuns e propostas coletivas, conforme nos apresenta Karin Strobel, pesquisadora surda (STROBEL, 2008).

Afirmávamos uma outra maneira de ser surdo, de viver o mundo pautada na visualidade e na língua de sinais, fazendo eco com a ideia de cultura surda.

(...) o jeito do sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-os com as suas percepções visuais (...). Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008, p. 24).

Parece que eu e Bruna fazemos parte da mesma comunidade (surda) de Rodrigo, nos afastando da ideia de surdez como falta da qual o pai, o médico e o juiz se aproximam. Será que a gente compõe então o mesmo povo?

Quando pronunciamos ‘povo surdo’, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. (STROBEL, 2008, p.31).

Mesma comunidade, povos diferentes. Mundos diferentes? Em que consiste essa diferença? Se a comunidade surda inclui surdos e ouvintes, e o povo surdo diz de sujeitos surdos, a marca da surdez no próprio corpo aqui parece ser o que nos distancia de Rodrigo. Marca essa que, dentro do movimento surdo, não é encarada como falta, e sim como base estruturante de uma possível “Identidade Surda” (PERLIN, 1998). Este movimento afirma o Surdo<sup>20</sup>, fazendo uso da grafia com S maiúsculo para remeter a essa identidade específica: o surdo sinalizante, imerso na cultura surda.

Em sua dissertação, Gladis Perlin, pesquisadora surda gaúcha, traz histórias de vidas para pensar o Surdo, voltando suas investigações para a identidade surda, visando assim escapar da “armadilha da medicalização” (PERLIN, 1998, s/p).

De acordo com Perlin, as Identidades Surdas são caracterizadas pelo uso de “comunicação visual”, e construídas a partir do contato com a comunidade, onde

os surdos têm de construir suas identidades diversificadas como membros de um grupo cultural. (PERLIN, 1998, s/p).

Será que nessas identidades diversificadas cabe Rodrigo *“filho caçula temporão adotado xodó-mimado da mãe que já morreu, retardado mental moderado, incapaz e possivelmente transtornado, fluente em duas línguas (português e em Libras), desenvolto e articulado, líder em partidas de futebol”* e tudo o mais que ele é? O que disso tudo que define

---

<sup>20</sup> Para efeito da discussão conceitual, utilizamos nesse momento Surdo com grafia de s maiúsculo, mas ao longo da dissertação utilizamos surdo com grafia de s minúsculo, por entender a identidade como auto-declarada. Agradecemos à Aline Lima por essa dica no momento da qualificação.

Rodrigo como sujeito surdo? O que disso tudo o inclui no povo surdo e o separa de mim e da Bruna?

Mais intensamente, como adulto, nos movimentos surdos, a pessoa surda vai construir sua identidade política. Trata-se de uma identidade que se sobressai na militância pelo específico surdo. É a consciência surda de ser definitivamente diferente e de necessitar de implicações e recursos completamente visuais. (PERLIN, 1998, s/p)<sup>21</sup>.

Este é o tipo de identidade que o movimento parece afirmar ter que ser buscada pelos surdos – a identidade surda como identidade política. Ao ponto que se diz em diferentes espaços que o surdo que não “aceita” a língua de sinais, que não “aceita” a surdez (ou seja, que não usa a língua), é o surdo que ainda não tem a identidade surda formada, ou que a tem mal formada.

O movimento surdo propaga os conceitos inter-relacionados de comunidade, cultura e identidade surdas, referendados ao uso da língua de sinais. Parece-me que marcá-las são maneiras de fortalecer um movimento que luta por espaços e direitos sociais.

Sendo assim, a assunção/anunciação de identidade tem efeitos práticos. Identidade política não se limita mais a lugares de enunciação individuais, mas diz de toda uma maneira de ser surdo. Não é só uma nomeação individual, mas produz modos de existência e práticas cotidianas.

*No INES, o professor de Libras (nome da matéria que ele é contratado para ministrar – como seria o professor de português, ou de matemática, por exemplo), vira o professor Surdo, e a ele é cobrado, ainda que informalmente, para além de ensinar Libras para os surdos (estrutura da língua, gramática, vocabulário, etc), também ensiná-los a ser Surdo, ser modelo para essa Identidade Surda já formada (em oposição à de alguns alunos ainda “não formada”). E para os ouvintes, além da língua precisa ensinar também os conceitos que permeiam a comunidade surda, como identidade e cultura e artefatos surdos<sup>22</sup>.*

---

<sup>21</sup> Além da identidade surda política, no capítulo I de sua dissertação Perlin categoriza outros 4 tipos de identidades surdas, sendo que a autora refere-as à primeira, como a identidade que deveria ser em algum momento alcançada pelo surdo.

<sup>22</sup> Strobel (2008) apresenta alguns artefatos culturais principais para a cultura surda: a experiência visual; a língua de sinais; o artefato familiar (relação com a família, surda ou ouvinte); a literatura surda; a vida social e

O conceito de identidade produz também modos de existência. Está nos ajudando com a emergência de singularidades? Segue criando divisões? Que mundos cria? Quantos mundos cabem nele?

## **Francisco**

*Era uma dinâmica-teatro proposta por Angela<sup>23</sup> na oficina de escolhas profissionais para pensarmos em “habilidades e dificuldades”. Francisco, inserido no teatro, recebeu uma ligação de sua mãe-Angela, pedindo para ele adiantar o almoço e fazer o arroz. Angela entregou-lhe, então, uma receita de como fazer arroz. Para fins da dinâmica-teatro, Francisco precisaria fazer o arroz enquanto a mãe não chegava.*

*Francisco resistiu e respondeu que na vida real falaria para a mãe que ia fazer macarrão, já que não sabia fazer arroz. “Mas vamos tentar fazer o arroz! Se só servisse o arroz, como seria?” Francisco leu a receita, tentando associar as palavras em português com seus sinais em Libras, recorrendo várias vezes à intérprete para entender as palavras (como óleo, sal, etc). Insistiu que não sabia fazer arroz, e Angela sugeriu que ele pedisse ajuda a um vizinho. Francisco respondeu que sim, pediria ajuda do vizinho pra ensinar-lhe a fazer o arroz se o vizinho fosse surdo. Sendo o vizinho ouvinte, para Francisco era inviável pedir-lhe ajuda.*

*Suas colegas de oficina, adolescentes e surdas também, lhe ofereceram alternativas: Bethânia exemplifica que ele poderia pedir ajuda escrevendo. Gracinha diz que muitos surdos têm dificuldade com a escrita, então se ele morasse lá há muito tempo, o vizinho já o conheceria e ele poderia se comunicar com gestos ou mostrando foto do que estava fazendo, ou mesmo levando o vizinho à sua casa, mostrando a situação para pedir orientação. Mas Francisco insiste que não pediria ajuda.*

Francisco parecia inflexível com relação às propostas de compor com alguma pessoa que não fosse surda. Seria devido à língua? O que para Francisco o impede de pedir ajuda a

---

esportiva; as artes visuais; a política (movimentos e lutas do povo surdo); os materiais (instrumentos tecnológicos próprios para acessibilidade).

<sup>23</sup> Angela Carneiro realizou uma oficina de escolhas profissionais com os alunos do INES, em parceria comigo e com a DISOP, nos anos de 2015 e 2016. Este trabalho fez parte do pós doutorado de Angela. Sou muito grata por tudo que tenho aprendido com essa grande parceira!

um vizinho que fosse ouvinte? Nesta situação as marcas de ouvinte e surdo separam, distanciam e parecem criar barreiras até mesmo intransponíveis, para Francisco.

*Em uma outra dinâmica visando ainda reflexões sobre habilidades e dificuldades, foi solicitado que se costurasse um botão num pedaço de tecido, e Francisco novamente não pede ajuda nem à Angela nem às colegas. Quando lhe é oferecida ajuda, ele rejeita e diz que vai tentar de novo porque ele “precisa aprender a fazer sozinho”. E quando ele nos conta que está fazendo 6 oficinas por semana, no contraturno, argumenta que é “porque ele precisa aprender para se desenvolver” – e para ele, se desenvolver é sua responsabilidade apenas.*

Podemos perceber que, somando-se à distância que as marcas de surdo e ouvinte parecem colocar, a ideia de autonomia e independência como fazer sozinho vem com força para Francisco. Francisco achava que precisava fazer tudo sozinho. Rodrigo dizia querer trabalhar para ter autonomia.

A concepção de autonomia como independência é muito presente no campo da surdez, porém esta não é uma produção descolada do contemporâneo. A noção de não precisar de nada nem ninguém reforça uma concepção de corpo ideal ao qual coisa nenhuma fará falta, sobre o qual teríamos pleno controle – tanto um corpo surdo quanto um corpo ouvinte.

Como um contraponto à tal ideia de autonomia, as teóricas feministas do campo dos Estudos sobre a Deficiência propõem o princípio da interdependência. Concordamos com Débora Diniz (2003), quando ela afirma, pautando-se em Eva Kittay, que

A concepção de que a sociedade é uma associação entre iguais, tal como proposto por todos os liberais, especialmente após John Rawls, encobre as relações de dependência que são inevitáveis, além das assimetrias que são parte da condição humana, tais como as que se estabelecem com as crianças, os idosos e os doentes (...). São exatamente esses vínculos de dependência por onde se estruturam as relações humanas, pois a dependência é algo inescapável da história de vida de todas as pessoas. (DINIZ, 2003, p. 5).

Importa pensar o princípio da interdependência para nos ajudar a contestar a ideia de mundos separados, de segregação. Faz pensar que fazer com o outro importa, mais que isso: que é imprescindível outros (humanos e não-humanos) para vivermos.

O discurso da autonomia, quando vem vinculado à ideia de independência, de “fazer sozinho”, pode ser incapacitante para todos nós.

*Outro dia, peguei um ônibus que estava praticamente vazio. Logo após entrou uma senhora e perguntou ao motorista se aquele ônibus passava no Largo do Machado. “Passa, sim, senhora.” “Então vou sentar aqui neste banco logo após a roleta, e o senhor me avisa quando chegar lá, por favor?”.*

*Alguns pontos depois, percebo que está rolando um burburinho antes da roleta, no espaço do motorista. Levanto a cabeça e vejo outra senhora se comunicando com o motorista. Eles trocavam um papel, ela fazia muitos gestos e emitia sons com a boca, como se fosse “uh, uh, uh”. Desconfiei que ela poderia ser surda. Parecia pedir uma informação.*

*Uma jovem, que já estava do outro lado da roleta, escreve algo para ela e mostra o papel. A senhora responde com alguns números nos dedos e expressão facial de dúvida. A jovem confirma com a cabeça. Vejo a senhora voltar-se ao motorista, que escreve algo no papel e lhe mostra também. A senhora confirma com a cabeça, sorri e desce do ônibus.*

*Quando ela saltou, qual foi minha surpresa ao ouvir o comentário da primeira senhora, a mesma que também precisou de informações e ajuda do motorista: “Nossa, um absurdo a família deixar uma pessoa dessas andar sozinha na rua!” A jovem faz sinal de anuência. A senhora continua: “Mas às vezes não é culpa da família, né. As vezes a família pode até tentar deixar ela trancada em casa, mas ela se rebela e sai.” A jovem seguiu concordando silenciosamente com a cabeça.*

Parece que persiste a dicotomia. Parece que algo dificulta o acesso ao telefone, dificulta trabalhar e namorar, dificulta fazer comida, dificulta pegar ônibus. Parece que algo mantém a distância.

Seja com o discurso médico – que supõe um corpo faltoso e pressupõe uma reabilitação – seja com o discurso da surdez como minoria linguística – que supõe um corpo pleno e pressupõe uma identidade a ser alcançada – produz-se distância. Apagam-se, assim, as conexões que estabelecemos localmente com humanos e não-humanos, que nos constituem, que nos proporcionam realizar as atividades que se pressupõe que o corpo estaria realizando autonomamente.

## COMPOSIÇÕES

### *Capítulo 3*

Chegar do outro lado e perceber que o ponto de chegada  
é até parecido com o ponto de partida.

O deslocamento foi interno. Eu já sou outra,  
me desconheço tanto. Tenho um novo rosto, um novo nome,  
uma nova voz. Novos referenciais me acompanham.

## **Resumo em Português deste capítulo**

Neste capítulo falamos sobre a importância das composições abarcando as diferenças para habitar um mundo comum. Aqui aparece o deslocamento que se operou em mim, borrando trabalhadora e pesquisadora, na direção de desnaturalizar alguns discursos. Apresentamos a ideia do mundo comum, a partir das composições e do pluriverso da surdez. Com histórias, contamos como esses conceitos se processam no campo, como nós podemos existir com eles. Ao final, pensamos na tradução como versões, como possibilidade de equivocações, e como ética para estar no encontro com a diferença, ao pensar tradução como travessia. Aqui pautamos-nos em autores como Bruno Latour, Donna Haraway e Vinciane Despret.

## **Resumo em Libras deste capítulo**

<https://youtu.be/KnF5R1aQyDo>

## **A instituição em mim – borrando trabalhadora e pesquisadora**

Ainda que eu estranhasse os discursos sobre a surdez que circulavam no cotidiano de trabalho, não me dei conta do quanto os naturalizei, o quanto essa instituição<sup>24</sup> estava em mim. Até um encontro no Mestrado que me desestabilizou e me provocou a refletir e ver a instituição também em mim.

*Uma vez estando no Mestrado, no primeiro semestre, eis que surge uma interpelação. Em uma conversa leve e descontraída, após o almoço, na fila do pagamento, não mais que de repente, Marcia me diz: “Me ajuda com uma questão. Estou com dificuldade sobre quais textos te indicar. Afinal, surdo é ou não é deficiente?”.*

*Tentei dar respostas imediatas (ô dificuldade de sustentar o problema<sup>25</sup>! Que exercício, ein!). Meu primeiro pensamento foi “Óbvio que não!”. Mas algumas considerações me vêm à mente, alguns fios tentam se soltar do emaranhado condensado que dita o que é óbvio: “De acordo com o movimento surdo, não. Mas quando é para ter*

---

<sup>24</sup> Aqui usamos o conceito de instituição segundo a Análise Institucional, como práticas sociais historicamente construídas, “uma dinâmica contraditória construindo-se **na** (e **em**) história, ou tempo.” (LOURAU, 1993, p.11, grifos do autor).

<sup>25</sup> Referência ao título do livro de Haraway (2016), “Staying with the trouble”, onde a autora propõe não darmos respostas imediatas às questões.

*benefícios sócio-econômicos (BPC, RioCard), sim.” E então, em fração de segundos, lembro de pessoas que já se posicionaram publicamente afirmando-se surdos ou deficientes auditivos, sem necessariamente diferenciar estes conceitos (como o movimento surdo faz), nem tampouco se identificando com a surdez como minoria linguística. Paula Pfeiffer<sup>26</sup>, Anahí Guedes de Mello<sup>27</sup>... E o meu amigo, que usa IC, é oralizado e sinaliza, o que será que ele se diz?*

*Cheguei ao INES ainda com a questão pulsando. Olho em volta: o surdo é deficiente? Os fios se condensam novamente, tudo no INES parece gritar: “Óbvio que não!”.*

*Converso com Bruna, que me questiona: será que é tão óbvio assim? Os fios tentam se soltar e construir outras tessituras, mas o cotidiano de trabalho logo me puxa de volta à condensação: “Óbvio que não!”.*

*Volto à UFF. Dessa vez, meu trabalho será discutido na disciplina de Seminário I. Conto a história da interpelação da Marcia, e jogo a pergunta para turma: “Gente, será que surdo é deficiente?”. Em minha cabeça todos os fios se condensam em torno de uma única história: “óbvio que não!”. A turma me interpela de volta, respondendo: “óbvio que sim!”.*

*Vou à UFRJ. Um amigo me convidou para conversar com sua turma sobre deficiência e minha experiência com a surdez, em uma aula de Ética e Psicologia. Em algum momento da aula, narro novamente a história que acompanha a pergunta: “surdo é ou não é deficiente?”. A turma me responde: “óbvio que sim!” e eu conto minha experiência no INES, que diz que “óbvio que não!”. Os fios que se condensavam em torno dessa resposta a esta altura começam a afrouxar-se.*

*De volta ao INES, um amigo me convida a colaborar com um artigo seu. Leio o artigo, já praticamente pronto, que afirma junto ao movimento surdo (a partir de uma série de análises) que o surdo não se identifica como deficiente, mas como minoria linguística. Ele*

---

<sup>26</sup> Como em seus relatos no blog Crônicas da surdez <http://cronicasdasurdez.com/> Último acesso em 27/05/2018. E em entrevista para o programa Gera Mundo, da TV INES. <http://tvines.ines.gov.br/?p=16262> Último acesso em 27/05/2018.

<sup>27</sup> Como em entrevista para o site do Programa de Inclusão de Pessoas com Deficiência, disponível em <http://www4.planalto.gov.br/ipcd/entrevistas/anahi-guedes-de-mello-e-o-debate-sobre-genero-e-deficiencia#wrapper> Último acesso: 27/05/2018. E em artigo publicado originalmente em 2005 no site da Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência, do governo estadual de São Paulo. Disponível em <http://sulp-surdosusuariosdalinguaportuguesa.blogspot.com.br/2010/12/surdez-e-comunicacao-as-linguas-de.html> Último acesso: 27/05/2018.

*faz coro com o meu “óbvio que não!”, surdo não é deficiente. Leio, e vejo que já não posso simplesmente corroborar com essa perspectiva. Não que eu ache que surdo é deficiente. Acontece que eu já não acho que é tão óbvio assim.*

A palavra “óbvio” marca a naturalização de uma única história, que perpetua uma única resposta à pergunta “surdo é ou não é deficiente?”. A resposta “óbvio que não” marca a instituição que me invade, que está não mais localizada lá longe no estabelecimento INES, mas está aqui, pertinho, dentro mesmo de mim. Como nos diz Clarice Lispector, no poema “O Recrutamento”:

Os passos estão se tornando mais nítidos. Um pouco mais próximos. Agora soam quase perto. Ainda mais. Agora mais perto do que poderiam estar de mim. No entanto continuam a se aproximar. Agora não estão mais perto, estão em mim. (...)

Dar-me conta dessa instituição em mim possibilita que eu pare de responder a partir de certa obviedade assumida, e possa perceber e questionar essa obviedade em mim (que digo “óbvio que não”) e no outro (que me responde “óbvio que sim”). Porém não significa que me distancio dessa instituição. O poema continua:

(...) Vão me ultrapassar e prosseguir? É a minha esperança. Não sei mais com que sentido percebo distâncias. É que os passos agora não estão apenas próximos e pesados. Já não estão apenas em mim. Eu marcho com eles.

Ainda que me afastar do estabelecimento INES tenha um efeito importante – de respiro, possibilidade de contato com outros discursos – a instituição faz-se presente em mim, à medida que fui também sendo constituída (no encontro com a surdez) com tais práticas.

Repetir a pergunta “surdo é ou não é deficiente?” e tecer respostas rápidas para ela, mesmo que se varie o cenário, não dá muita possibilidade de escapar do jogo binário. Por isso foi importante ficar com essa pergunta, e a cada encontro, ainda que repetindo ela, problematizar tal dicotomia e a ideia de que há uma resposta a ser encontrada. À medida que nos debruçávamos sobre a pergunta, transmutando-a em questão, se fazia entrever que havia muito mais histórias por trás da aparência de segregação e dicotomias – tanto surdo/ouvinte como surdez-minoria-linguística/surdez-deficiência, e tantas outras mais.

Assim que entrei no INES estranhei a única história da surdez, que circulava naquele espaço reiterando a ideia de dois polos em disputa – o polo gestualista versus o polo oralista.

Porém, ainda que meu encontro com a surdez trouxesse outras histórias, havia uma repetição maciça do discurso do modelo cultural da surdez – surdez como minoria linguística – que demandava certa conformidade das práticas profissionais, enquanto psicóloga.

Essa demanda institucional dificultava a criação de outros instrumentos e o contato com outras teorias que possibilitassem posicionamentos, maneiras de ver e operar com a surdez, que pudessem mover o que estava dado. Vinculei-me a tais discursos e práticas. Fui pega na armadilha da única história. Incorporei de tal maneira o discurso sobre quem era o surdo que deixei de perceber a pluralidade que eu antes vislumbrava. Mas algo no campo seguia a me inquietar. Algo no meu modo de encontrar-me com o campo seguia a me inquietar.

À medida que outros elementos (pessoas, ideias, discussões, conceitos) entram em jogo, possibilitam que eu me desloque temporariamente das práticas institucionais que se presentificam por vezes de forma forte no meu corpo. Posso, inclusive, dar passagem a elas e marchar com elas, não mais como uma obviedade, mas como outras histórias para a surdez. Para isso, cabe não se posicionar em um ou outro lado do jogo binário, mas ir junto com as histórias que começam a emergir, borrando dicotomias. Cabe sair da polarização de dois mundos, indo na direção da tentativa de forja de um mundo comum.

[Na] certeza de que esse mundo comum deve ser construído a partir de partes totalmente heterogêneas que nunca formarão um todo, mas, na melhor das hipóteses, um material composto frágil, revisável e diverso. (LATOUR, 2010, p. 474, tradução livre).

Compor um comum não é abrir mão de si e encontrar o que é igual entre você e o outro, em uma busca de identidade, mas entender que é a partir das diferenças (das heterogeneidades) que será possível criar uma composição – frágil, local, situada no tempo e no espaço.

## **Caetano**

*Após um atendimento, Zezé perguntou quando eu iria montar o grupo de “social”. Que grupo? “O grupo de social que você falou que ia montar”. Eu não me lembro de ter dito isso, mas soa interessante montar um grupo de jovens para debater questões diversas. Eu perguntei: “Um grupo para discutir o que?” “Para pensar o futuro”. Pergunto se ela está*

*dizendo de um grupo semanal, por exemplo, toda 5ª feira se encontrar de 13h às 14h. “Isso, mas pode ser 3ª feira? Vou chamar tais e tais alunos. Começamos semana que vem, ok?” Ok, grupo montado, então!*

*Conforme o grupo ia se encontrando, diversos temas iam sendo discutidos. Surgiu, um dia, o tema da família – discutimos como era a relação familiar de cada um, como se sentiam com relação a isso, como melhorar relações. Nesse ínterim, Caetano me pediu: “você pode conversar com minha família? Queria que você conversasse com ela. Me dou super bem com minha família, minha mãe deixa eu fazer várias coisas, mas tem umas coisas que ela não entende. Por exemplo, eu queria viajar para um evento com amigos daqui e um professor, e ela não está deixando. Acho que ela não entende muito sobre ser surdo, parece que ela me trata um pouco diferente por causa disso...”*

*Convidei a família dele para uma conversa, sua mãe e seu pai vieram. Caetano sinalizou sobre como estava se sentindo, disse que amava os pais, que não estava ali para fazer reclamações, mas gostaria de colocar algumas coisas. Os pais me contaram sobre o irmão de Caetano, pouco mais velho, que morreu há alguns anos com uma doença súbita, e como isso fazia com que a mãe se preocupasse em excesso com os seus outros dois filhos. Então tinha esse atravessamento, não era só porque o Caetano era surdo. Mas no desenrolar da conversa foi possível entender que tinha alguma coisa a ver com o fato do Caetano ser surdo, também.*

*No atendimento tinha duas intérpretes, e eu sabia que uma delas era Coda<sup>28</sup>. Normalmente o intérprete não deve intervir nos atendimentos, ainda assim eu falei para ela: “Leilinha, seus pais são surdos e tiveram duas filhas, né? Como era a rotina de vocês? Como eles faziam para resolver as coisas do dia a dia? Conta um pouco para a gente...”. E a intérprete começou a contar histórias da sua família, de seus pais, do cotidiano deles. E com isso, fomos desconstruindo um pouco com os pais de Caetano a ideia de surdo que eles carregavam.*

---

<sup>28</sup> Coda – *children of deaf adults* – é uma expressão que se usa para se referir a filhos ouvintes de pais surdos. Para mais informações, ver <https://www.coda-international.org/> Último acesso: 13/06/2018.

*Levei também um vídeo de um canal do YouTube<sup>29</sup> onde dois amigos – um surdo e uma ouvinte – falavam sobre a experiência dele com a família e com a língua de sinais, onde o jovem surdo incentivava que as famílias aprendessem a Libras.*

*Ao final do atendimento, todos pareciam se sentir bem.*

E como compor o mundo comum? Latour nos dá uma pista quando diz:

não há nenhum outro meio de compor o mundo comum, sabemos bem, do que o recompondo, do que retomando desde o início o movimento de composição. (LATOURE, 2011, s/p)<sup>30</sup>.

Como pensar, então, nas possibilidades de compor e recompor o mundo?

*Em um dos encontros do grupo PesquisarCOM, estávamos lendo juntos a introdução do livro da Haraway, “Staying with the trouble” (2016), em que ela apresenta a proposta de como pesquisar (e viver) ficando com o problema, sustentando as questões (e tensões). Logo de início ela marca um tempo, kainos, enquanto um presente que é denso e composto:*

*Kainos pode ser cheio de heranças, de lembranças, e cheio de chegadas, de nutrição do que ainda poderá vir a ser. Eu ouço kainos no sentido de presença espessa, contínua, com hifas<sup>31</sup> infundindo todos os tipos de temporalidades e materialidades. (HARAWAY, 2016, p. 2, tradução livre, grifos da autora).*

*Angela comentou que no cuidar da terra utiliza-se técnicas (alternativas à agrotóxicos) que incluem fungos, e eles se conectam com as plantas e anunciam com seus corpos e suas vidas, as características e qualidade dos solos.*

Ao aproximar a imagem que Haraway traz e a experiência com a terra de Angela, surgiu-me uma pista interessante. Se conectar, se misturar e se decompor, para se recompor na diferença, e na composição anunciar mundos.

De que maneira esse movimento de composição pode constituir minhas práticas? Sinto ter vivenciado ele na reunião com Caetano e sua família e toda a heterogeneidade que

---

<sup>29</sup> Canal “É Libras!”, com Bruno e Flávia. O vídeo pode ser encontrado aqui: [https://www.youtube.com/watch?v=K\\_NL64TzV8](https://www.youtube.com/watch?v=K_NL64TzV8) Último acesso: 13/06/2018.

<sup>30</sup> Tradução do texto *Il n’y a pas de monde commun: il faut le composer*, de Bruno Latour, disponível em: <https://politicadasensibilidade.wordpress.com/2017/01/16/nao-ha-mundo-comum-e-preciso-compo-lo-bruno-latour/>

<sup>31</sup> As hifas são filamentos de célula que, em trama, constituem a estrutura vegetativa, o corpo-base dos fungos.

compunha a cena: as línguas, as intérpretes, o aluno surdo, a família ouvinte, a psicóloga ouvinte, o filho-irmão que a família sente falta, o computador e o vídeo de outros jovens com outras experiências, a existência anterior de um grupo e um vínculo – para nomear algumas.

Naquele atendimento criamos possibilidade para que cada um de nós se deslocasse sutil ou não tão sutilmente. No acolhimento das histórias que aquela família trazia, sai do meu lugar de psicóloga detentora do saber para construir com eles outros modos de se relacionar entre si. Lançando mão de resquícios de composições anteriores, pude convidar a intérprete a sair de seu lugar de mediadora linguística para contar suas histórias, que poderiam compor com as que aquela família trazia. E ela aceitou o convite, e se deslocou também – trazendo com seu corpo e sua vida características de um solo da surdez que ela conhecia e disponibilizando-se para a troca com aquela família que ela não conhecia. Ao escutar o filho através da tradução de sua língua para o português, a família também estremeceu – disseram já saber do conteúdo que ele trazia, tinham seus jeitos de se comunicar entre eles, porém disseram haver ali naquela fala nuances que só com a presença do intérprete e uma profundidade da língua puderam entender.

Que beleza de história! Que final feliz! Então agora Caetano pode viajar com os amigos? A família toda se entende? Os pais começaram a fazer curso de Libras? Tudo resolvido? Esse negócio de composição é bom mesmo, ein.

Mesmo que a palavra ‘composição’ seja um tanto longa e aberta, o que é bom é que ela enfatiza que as coisas devem ser colocadas juntas (do latim *componere*), enquanto mantendo suas heterogeneidades. Além disso, está conectada com compostura; tem raízes claras na arte (...); não está muito longe de ‘comprometer’ e ‘comprometedor’, mantendo um certo sabor diplomático e prudencial. Falando em sabor, ela traz consigo o cheiro pungente mas ecologicamente correto de ‘composto’, ele próprio devido à ativa ‘de-composição’ de muitos agentes invisíveis... Acima de tudo, uma composição pode *falhar* e assim retém o que é mais importante na noção de *construtivismo* (...). Ela, portanto, desvia a atenção da irrelevante diferença entre o que é construído e o que não é construído, em direção à

diferença crucial entre o que é *bem* ou *mal* construído, *bem* ou *mal* composto<sup>32</sup>. O que está para ser composto pode, a qualquer momento, ser *decomposto*. (LATOURE, 2010, p. 473-474, tradução livre, grifos do autor).

*Volta e meia Caetano me relembra daquele nosso encontro. Se surge algum assunto sobre família, ele diz: “você sabe né, você já conversou com minha família” ou “você já conhece minha família”, “ah, obrigada porque aquele dia você conversou com minha família”. Um dia perguntei para ele: “Mas e aí, mudou? Tá fazendo alguma diferença?” “Ah, não. Não mudou muito, não. Mas foi importante, a conversa”.*

Composição não trata de finais felizes para sempre. De fato, não se trata de final algum. A aposta é na possibilidade de construção de um presente espesso em significados e corpos, que, ainda que frágil e passível de composição, faz-se potente para a construção de um mundo comum.

### **Festa sency e a experiência da multissensorialidade**

*Em 2016 participei de uma oficina do V ENAC (5º Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural, realizado pela UFRJ), ofertada por Leonardo Castilho, educador surdo do MAM de SP. A partir dessa oficina, foi reforçado o convite para a festa de encerramento do evento – que já estava incluída na programação, eu já havia me inscrito, mas ainda não tinha visto alguém falar sobre ela<sup>33</sup>.*

*Fui à festa, e ainda carreguei minha prima junto. A festa aconteceu em um espaço que se dividiu em vários ambientes. No salão principal havia a pista de dança, um palco à frente e um tablado de madeira ao fundo do salão.*

*No palco, estavam os DJs, disc-jockeys, entremeando as apresentações musicais: bandas, cantores solo, grupos de percussão... todos acompanhados por intérpretes musicais que transmitiam a música através de sinais e movimentos corporais muito diferentes e belos. No canto direito, um espaço daqueles onde estaria uma pick-up de DJ, porém com béqueres e*

---

<sup>32</sup> Nota de fim do autor: “(...) A energia usada para responder à questão ‘é construído ou é verdade?’ não deixa vigor para desdobrar a complexa casuística que responde, local e praticamente, à pergunta ‘está bem ou mal composto?’ (...)” (LATOURE, 2010, P. 488).

<sup>33</sup> <https://enacufrj.wordpress.com/2016/08/09/sency-ufrj/> Último acesso em 27/05/2018.  
<http://www.sency.today/en/> Último acesso em 13/06/2018.

*tubos de ensaio, lembrando um laboratório de química. Era onde estavam os aroma-jockeys – e daquele mini-lab envolto em fumaça de gelo seco saiam mixagens de aromas de alguma maneira sincronizados com as músicas. Além das luzes, um VJ – video-jockey – projetava imagens no telão ao fundo do palco.*

*Em certo momento, todos começamos a dançar em passinhos sincronizados, guiados por um grupo que estava lá na frente. O salão quase lotado, com aquelas pessoas todas a dançar com movimentos iguais.*

*Quando cansávamos, podíamos relaxar em uma sala cheia de espuma de estofado e isopor espalhados no chão, onde admirávamos uma exposição de fotografia.*

*Se batesse a fome, encontraríamos misturas inusitadas, que faziam nossa língua vibrar com a explosão de sabores. Foi ali que provei pela primeira vez a kombucha. Mais outra sala fazia vezes de feira gastronômica, com pratos de países latino-americanos e africanos.*

*E depois poderíamos voltar para a pista de dança e não apenas ouvir, mas sentir a música, dançando em cima do tablado de madeira, que vibrava com as caixas de som, e essa vibração era conduzida através de nosso corpo, mostrando-nos uma outra forma de experimentar a música.*

*Ficamos, eu e minha prima, surpresas sobre o quanto pudemos experimentar com todo o corpo naquele evento. Nunca havíamos sentido falta de nenhum desses aparatos nas festas que costumamos frequentar, mas estar naquela festa multissensorial nos mostrou um outro modo de habitar nosso corpo.*

Ficamos perplexas com o quanto aquela festa multissensorial nos mostrou. Deslocou-nos: nos trouxe dimensões do nosso próprio corpo com as quais não tomávamos contato. Interessante que essa festa foi criada com a surdez (sua primeira edição se chamava *DeafValley*), o que talvez tenha proporcionado a possibilidade de pensar a multissensorialidade.

Talvez o mundo comum exista como mundo multissensorial, desafiando a centralidade de um sentido específico – seja da visão, seja da audição –, afirmando a potência da conexão dos sentidos para nós, surdos e ouvintes.

Os desvios, as inflexões a serem feitas para a composição do mundo conectam, articulam atores heterogêneos – trata-se de experimentarmos conexões inusitadas.

Permanecer com o problema requer fazer parentescos estranhos; isto é, nós convocamos uns aos outros em colaborações e combinações inesperadas, em pilhas de compostagem quente. Nós nos tornamos uns com os outros, ou não nos tornamos de jeito nenhum. (...) Sozinhos, em nossos separados tipos de especializações e experiências, sabemos muito e muito pouco, e por isso sucumbimos ao desespero ou à esperança, e nenhum dos dois é uma atitude sensata. Nem o desespero nem a esperança estão sintonizados com os sentidos, com a matéria consciente, com a semiótica material, com os terráqueos mortais em copresença espessa. (...) (HARAWAY, 2016, p. 4, tradução livre).

Concordamos com Haraway: só somos com o outro, não há escapatória – caso contrário, permanecemos os mesmos. É necessária a interpelação do outro para que possamos nos deslocar de nós mesmos e assim produzir outros conhecimentos, outras experiências, produzir novos mundos e novas maneiras de estar nesse mundo. “Fazer parentescos estranhos” para que não saibamos demais nem de menos.

### **Maurício**

*Maurício, um amigo surdo, contou, reclamando, que foi ao banco solicitar informações sobre alguns investimentos que ele queria fazer. Assim que iniciou a conversa com a gerente, mostrou-lhe um papel em que estava escrito que era surdo. Então, relata, escrevia no papel sua dúvida e mostrava para a gerente. Na primeira vez, ela leu o papel, olhou para ele e começou a responder oralmente. Ele interrompeu-a e apontou para o papel, para que ela respondesse por escrito. Ela, com cara de sem graça, se desculpou, escreveu a resposta e devolveu o papel. Maurício leu calmamente a resposta, escreveu outra pergunta e mostrou à gerente. A gerente, interessada, leu o papel, e imediatamente começou a responder oralmente de novo. “Não!” Interrompeu Maurício, “sou surdo!”, lembrou a ela, e apontou novamente para o papel. A gerente, mais sem graça ainda, retomou a comunicação pelo papel. Mas meu amigo relatou que, ainda que ele tivesse proposto uma estratégia para se comunicar com ela, durante toda conversa, a cada pergunta que ele fazia no papel, a gerente realizava o mesmo movimento: lia o papel e respondia oralmente. E ele seguia na insistência de interrompê-la, lembrá-la que ele é surdo, e aguardar pacientemente (ou nem tanto) ela se envergonhar e retomar a comunicação pelo papel.*

Essa cena poderia ser lida como a manutenção de dois mundos. O surdo que não foi atendido como esperava, a ouvinte que insistia em se manter no seu lugar sem abraçar prontamente a estratégia proposta pelo surdo... Meu amigo contou-me em tom de reclamação. Eu mesma avaliei essa história desta maneira: “tá vendo só? Olha aí a dificuldade de estar com o outro! Olha dois mundos existindo novamente!”.

Em um segundo olhar, lembro de Haraway, que nos convoca a compor não apenas com o que nos é familiar, mas a compor com o estranho.

Fazer parentescos como parentescos estranhos em vez de, ou ao menos em adição aos, parentescos afins e familiares genealógicos e biogenéticos, é um problema de matéria importante para quem é realmente responsável. Quem vive e quem morre, e como, neste parentesco, e não naquele? De qual forma é essa relação de parentesco, onde e quem as suas linhas conectam e desconectam, e daí? O que deve ser cortado e o que deve ser amarrado se as multiespécies que florescem na terra, incluindo humanos e não-humanos em parentesco, quiserem ter uma chance? (HARAWAY, 2016, p. 2, tradução livre).

Para Maurício, o papel e a caneta não são parentescos estranhos para se comunicar – tanto que ele os propôs como estratégia. Para a gerente, caneta e papel não são objetos estranhos – existem corriqueiramente no cotidiano de um banco. Mas naquele encontro, convocam a parentescos estranhos, frente ao qual ela não sabe como agir, se perde, retoma, se envergonha. Mas sustenta, persiste ali. Coloca-se em uma posição responsável, de *responsability* – não se retira da relação à qual é convocada e que estabelece momentaneamente com o surdo, com a caneta e com o papel. Poderia ter ido embora, se negado a atender, solicitado que outra pessoa continuasse o atendimento, mas não o fez, mesmo com todo incômodo que a história que Maurício me narrou mostrou.

Tal reflexão nos convoca a pensar quais são as conexões que se estabelecem, entre surdos e ouvintes, para além das diferenças. Ou melhor, sustentando as diferenças, e que essas não impossibilite a relação de parentesco. Para além dos humanos surdos e ouvintes, também nos ajuda a pensar as relações com os não-humanos nesses universos.

A tarefa é fazer parentescos em linhas de conexão inventiva como uma prática de aprender a viver e morrer bem uns com os outros em um presente espesso. A nossa tarefa é criar problemas, estimular resposta potente a eventos devastadores, bem

como acalmar águas turbulentas e reconstruir locais tranquilos. (HARAWAY, 2016, p.1, tradução livre).

Eu como ouvinte no campo da surdez sinto-me convocada a este processo de composição. Preciso sair de um lugar de conforto, me deslocar dos meus saberes e me disponibilizar para o encontro com as pessoas surdas em um funcionamento bem diferente do meu – pela língua, pela maneira de organizar o pensamento, pela forma mais direta de tratar os assuntos (que às vezes parece rude para nós, ouvintes), etc. Sinto que caso eu não o fizesse, eu não seria capaz de trabalhar com essa população (na verdade eu seria capaz, mas o trabalho seria muito diferente), pois me manteria nas mesmas referências, e não teria muita possibilidade de troca com os surdos, não conseguiria compor um comum. Ficaria no lugar, talvez, da pessoa que quer normalizar o outro, querendo que o surdo se ajuste e adapte ao meu modo (ouvinte) de fazer as coisas.

Trata-se de fazer desse um presente espesso, ficar com o problema, ser inventivo, compor a cada situação novas conexões, emaranhadas àquelas que já nos compõem. Para que assim possamos existir nesse mundo comum, a partir da heterogeneidade.

Ainda assim, no campo da surdez a ideia de “dois mundos” é muito reafirmada. Enxergá-lo em sua pluralidade e fazê-lo existir na composição do comum é exercício constante.

## **Pluriverso**

Então o esforço inicial do projeto de pesquisa era para pensar, se não em dois mundos, em um mundo comum, passível de habitação por surdos e ouvintes. Mas o processo de pesquisa nos fez refletir sobre a não existência desse mundo comum *a priori*. Assim como não há surdos *a priori*. O que nos levou a pensar que também não há ouvintes *a priori* – desmanchando-se assim o título original do projeto de mestrado (“Entre surdos e ouvintes”). Não há um mundo a ser desvelado. Não vamos andar por aí e esbarrar em um espaço-mundo – ou transformar um dia o nosso mundo em um lugar – em que se conviva sem que as diferenças importem.

O pluralismo está conosco para sempre. Pluralismo de culturas, sim, das ideologias, das opiniões, dos sentimentos, das religiões, das paixões, mas também pluralismo

das naturezas, das relações com os mundos vivos, materiais e também com os mundos espirituais. (LATOURE, 2011, s/p).

Não se trata de apagar as diferenças em nós. Para além das ideias-identidades estanques de surdo e ouvinte, queremos poder diferir, produzir diferenciação inclusive de nós mesmos. E queremos um mundo que a diferença interesse. Sendo assim, ainda que consigamos compor este mundo comum, ele não será um universo, mas um “pluriverso” (JAMES apud LATOUR, 2010, 2011).

Nenhum acordo possível sobre o que compõe o mundo, sobre os seres que o habitam, que o habitaram, que devem habitá-lo. Os desacordos não são superficiais, passageiros, devidos a simples erros de pedagogia ou de comunicação, mas fundamentais. Eles ferem as culturas e as naturezas, as metafísicas práticas, vividas, vivas, ativas. (...) Se nós colocamos de lado o que nos separa, não há nada que nos resta para colocar em comum. O pluralismo fere muito profundamente. O universo é um pluriverso (James). (LATOURE, 2011, s/p).

A partir do contato com essa perspectiva, podemos revisitar as histórias desta dissertação, revisitar o campo, vislumbrando-o como pluriverso. Tal noção não fala de uma situação específica, mas de um modo de ver e viver o campo (a vida) com outro posicionamento. Possibilita inventar diferentes lentes.

Neste processo de revisitar o texto, deparei-me com a questão da língua. Reli a primeira história que contei, aparecia logo na primeira página do projeto, e acompanhou a construção desse texto desde então – sempre no lugar de uma história que falava de dois mundos, que reafirmava dois mundos.

## **Gilberto**

*Em uma aula do quarto e penúltimo semestre do curso de Libras, o professor surdo Gilberto pede para a turma evitar utilizar o português oral, se expressar mais em Libras, e não só ficar assistindo-o palestrar. A turma reclama que ele sinaliza muito rápido. Ele pergunta se a turma quer que ele diminua o ritmo, para logo depois afirmar em tom jocoso que não vai diminuir, porque nós, alunos ouvintes que já estamos quase a nos formar no curso, precisamos aprender a entender e nos expressar em Libras com mais fluidez. Alguém da turma pergunta se ao dar aula para os alunos surdos adolescentes ele sinaliza com a*

*mesma rapidez. Gilberto responde que não, que ele sinaliza muito mais rápido. Que ali na nossa aula ele sinalizava infinitamente mais devagar do que algum dia sinalizaria com outro surdo. Que nossa Libras é, para um surdo, como um ouvinte falando beeeeeem devagar (e imita, desta vez oralizando, a fala de um ouvinte muito arrastada) e por isso o surdo muitas vezes não teria paciência para conversar conosco.*

*Os alunos queriam saber como poderiam aprimorar suas habilidades em Libras. Com contato com surdos, responde o professor. Onde? Os alunos queriam muito ter amigos surdos, mas não sabiam onde encontrá-los. Neste momento o professor sinaliza a ação de enlaçar, como em um rodeio.*

*Será que frequentar uma associação de surdos, sabidamente espaço de convivência e lazer entre os surdos, possibilitaria este contato? Não, reponde Gilberto, e segue explicando: quando um ouvinte com o nosso nível de Libras – ou seja, que consegue conversar, mas em baixa velocidade – está em um evento ou associação de surdos, um fenômeno acontece. O surdo que estiver conversando com ele irá fazê-lo prestando atenção ao grupo de surdos que está conversando ao lado, “babando” de vontade de estar entre seus pares, e em pouco tempo pedirá licença ao ouvinte e irá conversar com esse grupo. Em uma situação em que tivesse mais que um ouvinte, rapidamente haveria dois grupos formados: os surdos de um lado e os ouvintes de outro.*

*Gilberto continua: o surdo fica de segunda a sexta entre os ouvintes, sem muito contato ou conversa com ninguém, meio parado ali. Fica só sonhando com o sábado e domingo, quando ele finalmente poderá encontrar surdos para se comunicar em Libras, surdos com quem divide não só uma língua, mas uma cultura, uma visão de mundo. Ele vai querer fofocar, falar da novela, conversar. Vai querer, neste pouco tempo de lazer entre outros surdos, e não entre ouvinte.*

Às vezes nos pegamos na insistência de encarar a diferença unicamente como um desacordo a ser retratado. No campo da surdez como minoria linguística vemos isso se operar com a língua e acessibilidade linguística.

Há um discurso muito proliferado que associa acessibilidade e inclusão social a Libras. É muito presente a ideia de que todos precisam aprender Libras, e assim a inclusão social aconteceria. Então, fazemos oficina de Libras para as famílias de alunos do INES; o INES oferece vagas prioritárias no curso de Libras para funcionários de serviços públicos; os

trabalhos que encontramos sobre a surdez – relatos de experiência, pesquisas científicas, metodologias de ensino – muitas vezes colocam a centralidade na Libras; na Lei afirma-se a necessidade das instituições públicas terem um intérprete ou um funcionário que saiba Libras; a acessibilidade nas instituições religiosas conecta-se diretamente com a presença de um intérprete.

Há uma importância imensa no aprendizado e disseminação da língua de sinais. Aprendi a Libras, primeiro como compromisso assumido a partir do edital do concurso de realizar o curso de Libras oferecido pela instituição e depois por desejo de estar e participar do que eu a princípio via como universo da surdez. Encantei-me com as línguas de sinais e, por conta própria, digo, saindo um pouco do estabelecimento INES, busquei aprofundar-me e adquirir maior fluência na Libras. Valorizo o aprendizado desta língua. No processo do Mestrado, a língua atravessou meu percurso diversas vezes, e possibilitou estar no campo de modo bem diferente do que se eu não tivesse certa fluência nessa língua. No trabalho no INES, o vínculo com profissionais e alunos surdos estreita-se. No encontro com a surdez nos diferentes espaços, a língua vira ponte para contato e trocas diversificadas.

A história de Gilberto nos mostra o interesse dos alunos ouvintes em aperfeiçoar-se em Libras, de ultrapassar a barreira da língua, de ter mais contato com surdos. Mas ao centralizarmos-nos na língua, surdos e ouvintes distanciam-se. Nesta história, ouvintes ficam à caça de um amigo surdo, surdos ficam a semana inteira sem ter com quem conversar.

Existem perigos e limitações em centralizarmos-nos na Libras para pensar o campo da surdez. Quando fazemos isso, ignoramos toda a população surda não usuária da língua de sinais. E mesmo os surdos usuários da língua de sinais ficariam presos e homogeneizados sob essa marca, apagando suas singularidades. A língua vem soberana e tudo mais vem a reboque. Também cria-se uma expectativa que falar a mesma língua resolverá problemas de comunicação. Falar a mesma língua facilita a comunicação, mas não a garante. Para além disso, é crucial a disponibilidade que apresentamos para estar com o outro.

Mesmo em um espaço onde o objetivo é ensinar Libras, podemos torcer um pouco o olhar e perceber que a expectativa de que saber a mesma língua resolveria a diferença é barrada pelo professor, quando ele afirma que há espaços onde o surdo vai querer estar entre os pares, por dividir para além da língua, “uma cultura, uma visão de mundo”. Quando ele ri da fala dos alunos ouvintes, que dizem querer um amigo surdo, como se uma amizade se

formasse apenas porque uma pessoa quer, e compara esse pedido à ação de catar no laço os surdos. Ao revisitar essa história, percebo que o pedido dos ouvintes de ter um amigo surdo soa mesmo colonizador.

O que Gilberto nos diz é que essa diferença não será apaziguada ao sabermos uma língua em comum.

Isso não significa abriremos mão da língua, ou mesmo do intérprete. Mas precisamos pensá-los não apenas como ponte que une dois mundos. E não como única solução em meio à tantos outros deslocamentos que podemos e precisamos operar.

Assim, encontramos-nos com a tradução nesta pesquisa como pista para a composição do comum, ao pensarmos ela como uma maneira de se relacionar com o campo, não apenas como possibilidade de ponte mediadora, mas como postura ética para se relacionar com a diferença, como possibilidade de deslocamento.

## **Tradução**

Neste trabalho, diversas histórias foram vividas ou foram-me narradas em Libras, o que fez a tradução permeá-lo também – às vezes de maneira sutil, outras mais explicitamente. Isso implica diversos processos. Para mim, no processo de trazer da Libras para o português, a primeira tradução que sai é um português bastante contaminado pela estrutura da língua de sinais. Por exemplo, na Libras usamos poucos conectivos, os sinais não diferenciam com relação ao gênero, conjugamos verbo de maneira completamente diferente do português – enquanto em português conjugamos verbos com relação à pessoa e ao tempo, na Libras o verbo não varia a partir desses elementos, ele é conjugado na espacialidade (alguns verbos têm movimento que variam de direção dependendo de sua conjugação). Em um segundo momento, a tradução precisa ser transposta desse português marcado pela estrutura da Libras para o português escrito com estrutura própria.

*Então resolvi fazer a apresentação da dissertação na aula de seminário II em Libras. Montei a apresentação na minha cabeça diretamente em Libras. Mas como não ia ter intérprete na aula, precisei inventar outra estratégia. Pedi para a Tainá ler a versão em português, então. Precisei traduzir da língua de sinais para o português, e saiu umas frases com estrutura muito parecida com a da Libras. Quando Tainá leu, ela brincou: “bem, agora precisamos transformar isso aí em português, né?”.*

*Ok, versão em português montada, em Libras também. Mas como faríamos? Eu traduziria o que ela estava lendo em português, para uma acompanhar a outra? Se isso acontecesse, eu achei que perderia um pouco a espontaneidade de trazer o pensamento direto em Libras.*

*Resolvemos que ela leria em português e eu tentaria ignorar a voz dela e fazer em língua de sinais, conduzindo meu pensamento a partir do mesmo texto, que eu teria em mãos.*

*Na sala de aula ela sentou à minha frente, e como não era uma tradução simultânea, seguiu em um ritmo de leitura diferente do que eu estava sinalizando. A proposta é que ao final da apresentação a turma possa contribuir com o trabalho. As falas sobre o conteúdo da apresentação são às vezes mais tímidas, outras mais provocadoras, seguem pontuadas, cada um espera o outro terminar de falar, uma fala tenta se relacionar com a outra.*

*Ao final da apresentação do meu trabalho, uma coisa muito curiosa aconteceu. Eu estava tão preocupada com as composições que eu precisava fazer, mas a intenção era apresentar o trabalho, não tinha intenção de provocar uma intervenção na turma.*

*Aconteceu que a turma – que não tinha alunos nem professores fluentes em Libras – também precisou fazer composições com o texto que estava sendo lido em português e com a apresentação que estava sendo feita em língua de sinais. Eu não havia pensado nisso de antemão. E percebi esse efeito no momento da discussão do trabalho.*

*Todo mundo começou a falar muito, ao mesmo tempo, interrompendo um ao outro, querendo contar como vivenciou aquela experiência, como se sentiu provocado, como foi esquisito a voz vir de um lugar diferente da emissora do conteúdo, como se perdiam do que estava sendo dito em português ao ficarem vidrados na língua de sinais. Mesmo as pessoas que ali na sala já tinham vivenciado a experiência de estar em um espaço de aula com um intérprete sentiram de forma diferente aquela experiência em que a Libras estava se dirigindo a elas.*

*Criou-se um campo de afecção, e os presentes falaram de seus estremecimentos com a apresentação. Parece ter acontecido ali uma abertura para a possibilidade de deslocamento. Na vontade e necessidade que a turma experienciou de se reposicionar para estar com o outro aparecem composições outras.*

*Se no momento da produção do texto, buscamos a composição era entre duas pessoas e o conteúdo, no momento de performatizar o texto na sala outras pessoas e elementos entram*

em cena. Outras composições precisam ser feitas. Eu busco uma composição com a língua sinalizada que emite o conteúdo e com o texto em português que tenho em mãos, mas para isso me distancio do português falado, preciso ignorar temporariamente o texto que estava sendo lido, pois o tempo de leitura e o tempo de tradução são diferentes. E neste processo a turma também busca compor com aquelas duas línguas que lhes chegam.

Ainda que o objetivo não tenha sido provocar uma intervenção sobre composição, os relatos que retornam para mim após a apresentação são esses. Cada um tomou a tradução de uma maneira, vivenciou-a a seu modo, sentindo em si como aquelas línguas e aquelas pessoas que a emitiam se compunham – em uma experiência singular para cada um.

Antes da apresentação, eu havia feito umas 4 versões possíveis para a tradução. No momento da apresentação, inúmeras versões foram sendo produzidas. Na discussão cada pessoa quis narrar sua própria versão da tradução que ali acontecia. Esse processo não nos levou a uma conclusão, a um fechamento ou um acordo sobre qual versão seria fiel àquela tradução. Pelo contrário, possibilitou operar aberturas, onde infinitas conexões emergiam. Assim, houve um campo comum de afetação, mas não era possível uma leitura única do evento. E no final das contas, ninguém estava tão interessado assim no tema – interessava as versões produzidas.

Tema e versão são modos de pensar a tradução que Vinciane Despret (2012) nos traz. Segundo a autora, a tradução por tema busca uma significação única, objetiva fidelidade ao texto original, uma tentativa de

passar de um mundo ao outro sem sobressalto, com a condição de fazê-lo em linha reta, sem deformação. (DESPRET, 2012, p. 233).

A tradução por versões, de outro modo, assume que há escolhas na passagem de uma língua a outra, que irão produzir sentidos a partir de e considerando as diferenças.

(...) ao contrário do tema, estas escolhas vão repousar sobre o princípio da multiplicidade de sentidos possíveis, na gama dos possíveis que recobrem as ‘homonímias’: um mesmo termo pode abrir uma quantidade de significações e fazer divergir os sentidos. (DESPRET, 2012, p. 233).

Nas versões produzidas pela tradução na apresentação com a turma, multiplicidades aparecem, levando à ampliação de produção de sentidos. E assim sendo, é permanente o risco de as versões das traduções produzirem equívocos e descompassos.

*Ainda com pouco domínio da língua de sinais, uma vez eu estava conversando com uma criança surda de aproximadamente 8 anos, que me contou uma coisa surpreendente, e eu fiz o sinal de “mentira!” com cara de espanto (ou pelo menos achei que minha cara era de espanto). Essa expressão, em português, obviamente (será?!) é uma interjeição, sinônimo de “não acredito!”, ou ainda melhor explicitado “incrível!”. Mas minha tentativa de traduzir do português para a Libras não deu muito certo: a criança interpretou meus sinais como uma ofensa, e começou a “esbravejar” com as mãos, com raiva de mim por ter chamado ele de mentiroso – o que claramente foi uma ofensa para ele!*<sup>34</sup>



**Imagem 6:** Sinal de mentira

Vídeo do sinal, com movimento:

<https://youtu.be/VfeCy9ExquI>



**Imagem 7:** Sinal de mentiroso

Vídeo do sinal, com movimento:

<https://youtu.be/HFOY1N-AAIc>

*Eu fiquei envergonhada, super sem graça, sem saber o que fazer. Fiquei por um tempo processando a cena em minha cabeça, experimentando outros sinais possíveis para usar em situação semelhante.*

---

<sup>34</sup> Os sinais de mentira e mentiroso são os mesmos, sendo possível interpretá-los a partir do contexto. Nessas fotos incluí uma diferença na expressão facial, tentando assemelhar à que eu fiz na história.

*Algum tempo depois, já com maior fluência em Libras, vivi uma revanche da língua, onde apareceram mal-entendidos na tradução, desta vez da Libras para o português. Eu estava atendendo dois surdos da comunidade externa com a assistente social. Na verdade, eu só estava batendo um papo com eles, “fazendo sala”, enquanto a tradutora-intérprete de língua de sinais e português (TILSP) não chegava – já que a assistente social era quem realizaria o esclarecimento específico da dúvida deles. A intérprete chegou, o atendimento seguiu e eu me retirei.*

*Então comecei a arrumar minha bolsa para ir embora. Quando eu estava quase na porta, mochila nas costas, um dos surdos me chamou, e fez, em sequencia, 3 sinais: “bandido”, “folgado”, “moleza”.*



**Imagem 8:** Sinais de “bandido”, “folgado” e “moleza”.

**Vídeo dos sinais, com movimento:** <https://youtu.be/qHzeIhcH3mU>

*Olhei para a TILSP e disse: “Ué, sério? Não entendi!” (em português e em Libras). Estaria aquele cara me xingando, na cara de pau? Me senti ofendida.*

*Antes que ela traduzisse, o próprio surdo me explicou: “Essa hora, já indo embora! Trabalho moleza”.*

*Lembrei-me da criança, ofendida com minha sinalização de “mentira!”, e da pouca possibilidade que houve lá, naquele encontro, de multiplicar as versões. Já neste novo encontro, foi possível sustentar os descompassos da língua, e dar passagens às equívocos para que outras coisas se produzissem.*

*Entendi que no contexto o sinal de “bandido” poderia ter sido traduzido também como um sinônimo, “vagabundo”. Só que esta palavra em português é muito forte, é um xingamento. Mas, perplexa, preferi não tomar como um xingamento e tentei explicar-lhe meus horários. Ele continuou repetindo o sinal, e rindo. Entendi, então, que era uma provocação, uma brincadeira.*

*Ainda com esses sinais em mente, atendi no dia seguinte um casal, e o rapaz fez o mesmo sinal (que eu conhecia como “bandido” no início destas histórias) com expressão facial neutra quando perguntamos se a mãe da menina trabalhava.*



**Imagem 9:** sinal de bandido com a expressão facial neutra.

*A intérprete traduziu a resposta como “não, ela não faz nada”, mas sem tom de julgamento. E em outra ocasião recente uma professora surda falou que eu conseguiria resolver uma situação que seria meio saia-justa, e fez esse sinal para mim, falando de mim, em tom jocoso – e logo explicou que esse sinal era porque eu sou carioca. Entendi, então, que naquele contexto a tradução poderia ser “malandra”, “malandragem”, “jeitinho carioca”.*



**Imagem 10:** sinal que eu interpretei, no contexto, como carioca.

Enquanto na tradução por tema buscaria-se corrigir esses descompassos, na direção da fidelidade ao texto original, na tradução por versões esses descompassos reverberam, dando passagem a outras histórias possíveis.

Traduzir, segundo o modo da versão, conduz, portanto, a multiplicar as definições e os possíveis, a tornar perceptíveis mais experiências, a cultivar equívocos, em suma, fazer proliferar histórias que nos constituem como seres sensíveis, ligados aos outros, e afetados. Traduzir não é interpretar, é experimentar equivocções. (DESPRET, 2012, p. 240)

Neste caminhar, a tradução foi se apresentando como possibilidade de transitar no pluriverso da surdez. De que maneira a tradução como equivocções pode se configurar como uma ética no encontro com surdos e com a surdez?

### **Travessias**

*João, aluno surdo do noturno, veio me contar (em Libras) de sua paquera ao comprar “produtos que o deixam mais cheiroso” (sic). Mostra como estava paquerando a vendedora (ouvinte), monta a cena, e ao final, justificando seus gestos, me diz:*

*- Em Libras, namorar (faz o sinal de namorar). Em português, (faz um gesto para namorar – beijo na mão – e identifica isso como língua portuguesa).*

- Em Libras, casar (faz o sinal de casar). Em português, (faz um gesto para casar – aponta dedo anular no local da aliança – e identifica isso como língua portuguesa).



**Imagem 11:** sinal em Libras – namorar / gesto em português – namorar.



**Imagem 12:** sinal em Libras – casar / gesto em português – casar.

**Link para vídeo com os movimentos da história:** <https://youtu.be/YYeO4DKo8Yo>

A tradução como equivocação envolve invenção de sentidos. Convoca à deformações para que, no encontro, significados outros sejam produzidos – um mundo comum possa temporariamente emergir. Faz-se necessário torcer os sentidos tanto da língua de origem

quanto da língua de chegada, de modo que vamos até o outro e trazemos o outro até nós. Para além de comunicar, trata-se de criar modos de estar juntos.

Há, na dupla impossibilidade de tradução, a meu ver, a afirmação radical de uma possibilidade: a da fabulação, a da invenção na língua de chegada de algum sentido não para o que o outro disse precisa e justamente, mas para o quê, na minha língua preciso inventar, o quê na minha língua preciso refazer, mover para lidar com aquilo que vem do outro, do encontro. (MORAES, 2017).

A tradução aqui transmuta-se em travessia, que nos conduz por esses encontros. Não como ponte fixa de um ponto a outro, de uma língua a outra, de um mundo ao outro (o que reafirmaria a ideia de dois mundos. Mas como caminhos possíveis a se inventar nos encontros, caminhos que podem fazer fechar significados, podem segregar, mas podem também operar em aberturas para inventar outros encontros, para se habitar pluriversos.

João nos mostra que fez uma operação na língua dele – transformou os sinais para que a sua paquera pudesse compreendê-lo. E fez uma operação no português também: trouxe uma dimensão de sinalização para uma língua que, no dia a dia, não diríamos sinalizada. João marcou o português, mostrando-nos que não só a Libras, mas também nossa língua portuguesa, hegemônica, também tem suas marcas. João provocou, assim, deslocamentos e invenção de sentidos nas duas línguas, na Libras e no português.

‘Uma boa tradução, escreve ainda Viveiros de Castro, é aquela que autoriza os conceitos dos outros a deformar e a subverter estas caixas de ferramentas do tradutor, de forma que a linguagem de origem possa ser traduzida na nova’. Traduzir não é explicar, ainda menos explicar o mundo dos outros, é colocar o que nós pensamos ou do que temos experiência à prova do que os outros pensam ou têm experiência. (...) (DESPRET, 2012, 236-237).

Pensar a tradução como travessia, parece-me que traz tanto a dimensão do encontro como a dimensão das versões e das equivocções – de maneira que essas equivocções não se dão apenas na língua de chegada, mas que nesse processo a língua de origem também é interpelada.

Habitar o mundo comum convoca à essa produção de sentidos temporários, de travessia que borra chegada e partida, não apagando as diferenças mas fazendo-as existir com a possibilidade de reinventar-se, e também com a possibilidade de sustentar-se no pluriverso.

## CONCLUSÃO

Meu corpo é a minha bússola.  
*Camilla Martins de Oliveira, 2017.*

As histórias e discussões que ocorreram no processo de mestrado auxiliaram a construir novas lentes, provisórias sempre, para olhar para o campo. E novo corpo para habitá-lo, já que eu também faço parte do campo.

Algumas pistas puderam ser construídas e trabalhadas nessa dissertação. Foi possível debater discursos presentes no campo da surdez – como o biomédico que vê a surdez como falta, e o cultural que vê a surdez como minoria linguística. Assim, nos encontros com a surdez e com o mestrado, eu, ouvinte, estremei. No processo de pesquisa, diversos deslocamentos se operaram. Aprendi que no encontro com o outro precisamos nos deslocar, se quisermos produzir algo diferente.

Vimos que o campo da surdez é permeado de dicotomias – surdo/ouvinte, surdez-deficiência /surdez-minoria-linguística, por exemplo. O que muitas vezes aparece como dois mundos – surdo e ouvinte. Encaramos o problema de pensar na construção de um comum entre surdos e ouvintes. Desconstruímos a própria noção de surdos e ouvintes ao ver que ambos não existem *a priori*. Buscamos escapar dessas dicotomias e dessas ideias-estanques, porém não sem esforço: o campo as convoca constantemente.

Pensamos na existência do pluriverso da surdez – sempre mais que dois.

Concluimos que um modo de habitar esse pluriverso da surdez na direção da construção do comum é buscando produzir composições. E para a composição, precisamos nos misturar, desmanchar um pouco do que há em nós, borrar com um pouco do que há no outro. Isso não significa buscar uma igualdade, apagando nossas marcas e nossas diferenças. E sim entender que com a diferença é que é possível compor.

A composição é frágil, provisória e potente. Ela pode acontecer na produção de um presente espesso. Parece que foi o que aconteceu com João, da última história nessa dissertação: inventou uma estratégia de comunicação que produziu naquele encontro um sem número de mundos que se permitiam misturar-se. Para isso, abriu mão tanto do mundo-língua de origem (a Libras), como do mundo-língua de chegada (o português). Uma forma de construir um mundo comum, temporária, pois que sempre será momentânea, e se dará em um trabalho sem fim. Que demanda disponibilidade e presença.

Como no encontro narrado no prólogo, experimentações são necessárias. Outras histórias precisam ser produzidas e contadas – nesse sentido, um presente espesso também: trazer para aquela relação temporária outras materialidades e outros significados.

No encontro com a surdez, importa que nós ouvintes nos deixemos estremecer, fazer aparecer nossas marcas, nossa hegemonia, e buscar, na composição com o surdo e com a surdez, esse desmanchar na direção de aberturas e criações abarcando nossas diferenças.

Tarefas nada fáceis, que demandam continuidade, que se refazem a cada instante. Que tenhamos a coragem e a disponibilidade para habitar esse pluriverso, na construção de mundos comuns.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma única história. TED Talks, 2009. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story) Último acesso em 30/06/2017.
- ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, 2016, p. 129-143.
- ALVES, Camila. *E se experimentássemos mais? Um manual não técnico de acessibilidade em espaços culturais*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Marcia Oliveira Moraes. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2016.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm) Último acesso em 26/05/2018.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. *Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm) Último acesso em 26/05/2018.
- CONTI, Josselem. *Contar histórias, povoar o mundo: versões de um encontro com a loucura e a cegueira*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Marcia Oliveira Moraes. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2015.
- CONTI, Josselem; SILVEIRA, Marília. Ciência no feminino: do que é feita a nossa escrita? *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, n. 11, v. 1, São João del Rei: 2016, p. 53-68.
- DESPRET, Vinciane; STENGERS, Isabelle. *Les faiseuses d'histoires. Ce que les femmes font à la pensée*. Paris: La Découverte / LesEmpêcheurs de Penser en Rond, 2011.

- DESPRET, Vinciane. V comme versions. *Que diraient les animaux, si... on leur posait les bonnes questions?* Paris: La Découverte / LesEmpêcheurs de Penser en Rond, 2012, p. 231-242.
- DINIZ, Debora. Modelo social da deficiência: a crítica feminista. *Série Anis*, n. 28, Brasília: 2003, p. 1-8.
- DINIZ, Debora. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- FOUCAULT, Michel. Introdução. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. Em: *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 49-58.
- HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v.5, 1995, p. 7-41.
- HARAWAY, Donna. Able bodies and companion species. Em: Donna Haraway. *When Species Meet*. London: University Minnesota Press, 2008, p. 161-179.
- HARAWAY, Donna. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. *Horizontes Antropológicos*, v. 17, n. 35, 2011, p. 27-64.
- HARAWAY, Donna. Introduction. In: *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016, p. 1-8.
- LATOUR, Bruno. An attempt at a “Compositionist Manifesto”. *New Literary History*, n. 41, 2010, p. 471-490.
- LATOUR, Bruno. Não há mundo comum: é preciso compô-lo. Tradução por Vinícius N. Honesko do texto *Il n’y a pas de monde commun: il faut le composer*. Em: *Multitudes*, n. 45, special, été 2011. Disponível em: <https://politicadasensibilidade.wordpress.com/2017/01/16/nao-ha-mundo-comum-e-preciso-compo-lo-bruno-latour/> Último acesso em: 16/06/2018.
- LOURAU, Rene. *Análise Institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.
- MELLO, Anahí Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, n. 21, v. 10, 2016, p. 3265-3276.

- MORAES, Marcia. Política ontológica e deficiência visual. Em: Marcia Moraes e Virginia Kastrup. *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau Editora / Faperj, 2010, p. 26-51.
- MORAES, Marcia; TALLIS, Alexandra. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. *Revista Polis e Psique*, v.6, n.1, 2016, p. 39-50.
- MORAES, Marcia. *Narrativas e traduções do campo de pesquisa: pesquisarCOM pessoas cegas e com baixa visão*. 2017, no prelo.
- OLIVEIRA, Camilla Martins de. *Poesia falada: a arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Katia Faria de Aguiar. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2017.
- PERLIN, Gladis. *Histórias de vida surda: identidades em questão*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998. Disponível em: <https://sites.google.com/site/pesquisassobresurdez/gladis-perlin> Último acesso em: 16/06/2018.
- ROCHA, Solange. *Memória e história: a indagação de Esmeralda*. Petrópolis: Arara Azul, 2010.
- SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- SKLIAR, Carlos. A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. *Revista Educação e Realidade*, n. 24, v. 1, 1999. p. 15-32.
- STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2008.
- VELOSO, Caetano. *Gente. Bicho*. Universal Music, 1977. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nrzYbc3rWzc> Último acesso em: 21/06/2018.